



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Tecnologia de Tomar

O OBJETO EDITORIAL COMO CATALISADOR DE EMOÇÕES

Relatório de Estágio

Beatriz Domingos Arnaut

Mestrado em Design Editorial

Tomar, outubro de 2016



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Tecnologia de Tomar

Beatriz Domingos Arnaut

O OBJETO EDITORIAL COMO CATALISADOR DE EMOÇÕES

Relatório de estágio

Orientado por:
Especialista Luís Filipe Cunha Moreira (IPT)

Relatório de Estágio
apresentado ao Instituto Politécnico de Tomar
para cumprimento dos requisitos necessários
à obtenção do grau de Mestre
em Design Editorial



Dedico este trabalho...

...aos meus pais, irmão e avós, que me incentivaram a ingressar neste mestrado e fizeram com que realizar este estágio fosse possível, apoiando-me de todas as formas que podia precisar.

...ao resto da minha família que sorriu em todas as videochamadas;

...ao meu namorado que me deu um apoio maior que o combinado e fez milhares quilômetros para iludir a distância.





RESUMO

O presente relatório de estágio é composto por duas partes: o estágio curricular que realizei na Cases i Associats e o estudo do objeto editorial como catalisador de emoções.

Começo por revelar aquela que foi a minha experiência no estúdio de design: apresentação e localização do estúdio; demonstração de alguns dos projetos elaborados e dos métodos de trabalho utilizados; e referência aos aspetos mais importantes.

A segunda parte apresenta o bloco de notas como uma ferramenta fundamental para o dia-a-dia, abordando as seguintes temáticas: a ligação emocional que estabelecemos com os objetos, em particular com o bloco de notas; a importância do aspeto das coisas e análise da forma como a aparência influencia comportamentos, emoções e a inspiração; exemplos de objetos editoriais e como nos relacionamos com eles; por fim, a apresentação do bloco de notas, as suas vantagens e as diferentes formas como pode ser utilizado.

palavras-chave: Cases i Associats, design editorial, objeto editorial, emoção, bloco de notas



ABSTRACT

This practice report is composed by two parts: the internship in the studio Cases i Associats and the study of the editorial object as a catalyst of emotions.

At first I reveal the one that was my experience in the design studio: presentation and location of the studio; exhibition of some of the work that I have done and working methods; description of the most important features of my experience.

The second part shows the notebook as an essential tool for our routine, approaching the following topics: the emotional connection we create with objects, in particular with the notebook; the matter of the look of an object and analysis of the way that aesthetics influences behaviors, emotions and inspiration; examples of editorial objects and how we connect to them; at last, a presentation of notebook, his benefits and different ways to use it.

keywords: Cases i Associats, editorial design, editorial object, emotion, notebook, sketchbook



AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Cases i Associats, por me ter recebido no seu estúdio e, proporcionado a oportunidade de fazer o estágio numa equipa de design editorial tão profissional. Foi um momento de aprendizagem muito importante e uma experiência singular no mundo do trabalho, oferecendo-me conhecimento e métodos essenciais para o meu futuro profissional.

Agradeço ao professor e meu orientador Luís Moreira, por ser uma pessoa extraordinariamente disponível, e principalmente por ter acreditado em mim, mesmo quando o rumo do trabalho era incerto. Essa foi uma das maiores ajudas.

Um agradecimento especial à Rita, que por uma noite foi revisora deste trabalho, mas que todos os dias é uma grande amiga.

O último agradecimento faço a todas as pessoas que usam um bloco de notas, porque são uma inspiração.

A todos, obrigado.



ÍNDICE

| | |
|----------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO | 17 |
| PARTE I – RELATÓRIO DE ESTÁGIO | |
| 1.1 O que é a Cases i Associats | 22 |
| 1.2 Primeiras Semanas | 22 |
| 1.3 El Vigía | 24 |
| 1.4 Entre Projetos | 30 |
| 1.5 Shakespeare e Cervantes | 31 |
| 1.6 Mundo Deportivo | 38 |
| 1.7 Últimos Dias | 40 |
| PARTE II - O OBJETO EDITORIAL COMO CATALISADOR DE EMOÇÕES | |
| 2.1 Como surge o tema | 44 |
| 2.2 As pessoas e os objetos | 46 |
| 2.3 A importância da beleza | 47 |
| 2.4 Porque funcionam melhor objetos mais atraentes | 49 |
| 2.5 Relação emocional com objetos | 50 |
| 2.5.1 Definição de emoção | 51 |
| 2.5.2 Dimensões de comportamento | 52 |
| 2.5.3 Como processamos as emoções | 52 |
| 2.6 A emoção e o objeto editorial | 54 |
| 2.6.1 “Thinking out of the box” | 55 |
| 2.6.2 O processo criativo do designer | 56 |
| 2.6.3 O nosso comportamento perante diferentes objetos editoriais | 57 |
| 2.7 Tipos de objeto editorial | 58 |

| | |
|--------------------------------------------------------|--------|
| 2.7.1 Agenda | 58 |
| 2.7.2 Caderno Diário | 59 |
| 2.7.3 Diário | 59 |
| 2.7.4 Bloco de notas e diário gráfico | 60 |
| 2.8 Histórias do objeto editorial | 61 |
| 2.8.1 Breves notas sobre a história universal do livro | 62 |
| 2.8.2 História pessoal do objeto editorial | 63 |
| 2.9 O bloco de notas | 64 |
| 2.9.1 Objeto pessoal de livre expressão | 66 |
| 2.9.2 O bloco de notas e as artes | 68 |
| 2.9.3 Treino de persistência | 71 |
| 2.9.4 Multifuncionalidade do bloco de notas | 72 |
| 2.9.5 Alternativas ao bloco de notas | 73 |
| CONCLUSÃO | 79 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 83 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| FIGURA 1 // Logótipo da empresa "Cases i Associats - Sol361" | 22 |
| FIGURA 2 // Capa do suplemento diário "Zona Deportiva" | 23 |
| FIGURA 3 // Proposta de capa nº1 para o livro "El Vigía" | 26 |
| FIGURA 4 // Proposta de capa nº2 para o livro "El Vigía" | 26 |
| FIGURA 5 // Proposta de capa nº3 para o livro "El Vigía" | 26 |
| FIGURA 6 // Proposta de capa nº4 para o livro "El Vigía" | 27 |
| FIGURA 7 // Proposta de capa nº5 para o livro "El Vigía" | 27 |
| FIGURA 8 // Proposta de capa nº6 para o livro "El Vigía" | 27 |
| FIGURA 9 // "El Vigía" - Capa | 29 |
| FIGURA 10 // "El Vigía" - Separador de capítulos | 29 |
| FIGURA 11 // "El Vigía" - Miolo | 29 |
| FIGURA 12 // "Luces" - "Televisión" | 31 |
| FIGURA 13 // "Luces" - "Agenda" e "Listín" | 31 |
| FIGURA 14 // Logótipo da coleção | 34 |
| FIGURA 15 // Primeiros esboços de capa | 34 |
| FIGURA 16 // Separador Azul | 35 |
| FIGURA 17 // À esquerda o separador com padrão de caveiras. À direita o modelo final | 36 |
| FIGURA 18 // Capas finais para as obras de Shakespeare e Cervantes | 38 |
| FIGURA 19 // Módulos do Mundo Deportivo. Encuesta, Multimedia e La jornada | 39 |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------|----|
| FIGURA 20 // Exemplo da página on-line do jornal Mundo Deportivo | 40 |
| FIGURA 21 // O livro "Tipologia de um bloco de notas | 45 |
| FIGURA 22 // Furby. Brinquedo eletrónico | 47 |
| FIGURA 23 // Página de um dos diários gráficos da Cláudia Peralta | 69 |
| FIGURA 24 // "Flight of birds". Bloco de notas de Leonardo da Vinci | 70 |
| FIGURA 25 // Página do diário gráfico de Claude Monet | 70 |
| FIGURA 26 // Notas de Nathalie | 74 |
| FIGURA 27 // Notas do avô Augusto - fatura da água | 75 |
| FIGURA 28 // Notas do avô Augusto - carta | 75 |
| FIGURA 29 // Lista de notas da Sylvie, para o seu relatório de estágio | 76 |

INTRODUÇÃO

No presente relatório pretendo dar a conhecer aquela que foi a minha experiência ao longo dos dois anos em que frequentei o Mestrado em Design Editorial, não só pela apresentação de alguns projetos e atividades práticas, mas essencialmente na partilha dos interesses que adquiri durante este meu percurso.

Apesar de tudo aquilo que será exposto refletir uma única experiência, optei por dividi-lo em duas partes: estágio e tema. Com o intuito de criar maior coerência e organização no decorrer do trabalho.

Inicialmente, em direção ao estágio que realizei no segundo ano do mestrado, em Barcelona, com a duração de seis meses. Pode aparentar um começo pelo fim, mas não será assim tão linear. O estágio como experiência prática e com data de início e de conclusão torna-se algo instantâneo, enquanto toda a restante temática paira pelos pensamentos e não tem, nem terá, um fim - é alguma dessa “magia” que tentarei transmitir aqui.

No século em que nos encontramos, rodeados por objetos de design, quer na tecnologia que se apropria do nosso dia-a-dia, nos livros que nos lembramos de ver expostos no armário da sala, desde que existimos. Numa grande parte do tempo convivemos de forma particular com o design gráfico, desde o rótulo da garrafa de vinho do almoço, ao guardanapo com motivos natalícios; do cartaz da festa da aldeia aos logótipos daqueles serviços de comunicação e multimédia que todos conhecem porque têm sempre bons preços. Porém, não é por isso que se torna óbvio o trabalho de um designer, ainda menos de um designer gráfico ou editorial.

Design não é um assunto sobre o qual a maioria das pessoas conversam correntemente, aliás, o design em Portugal é uma profissão recente: apenas em 1974 foram implementados cursos de design no ensino público, na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, e, em 1976, foi constituída a Associação Portuguesa de Designers.

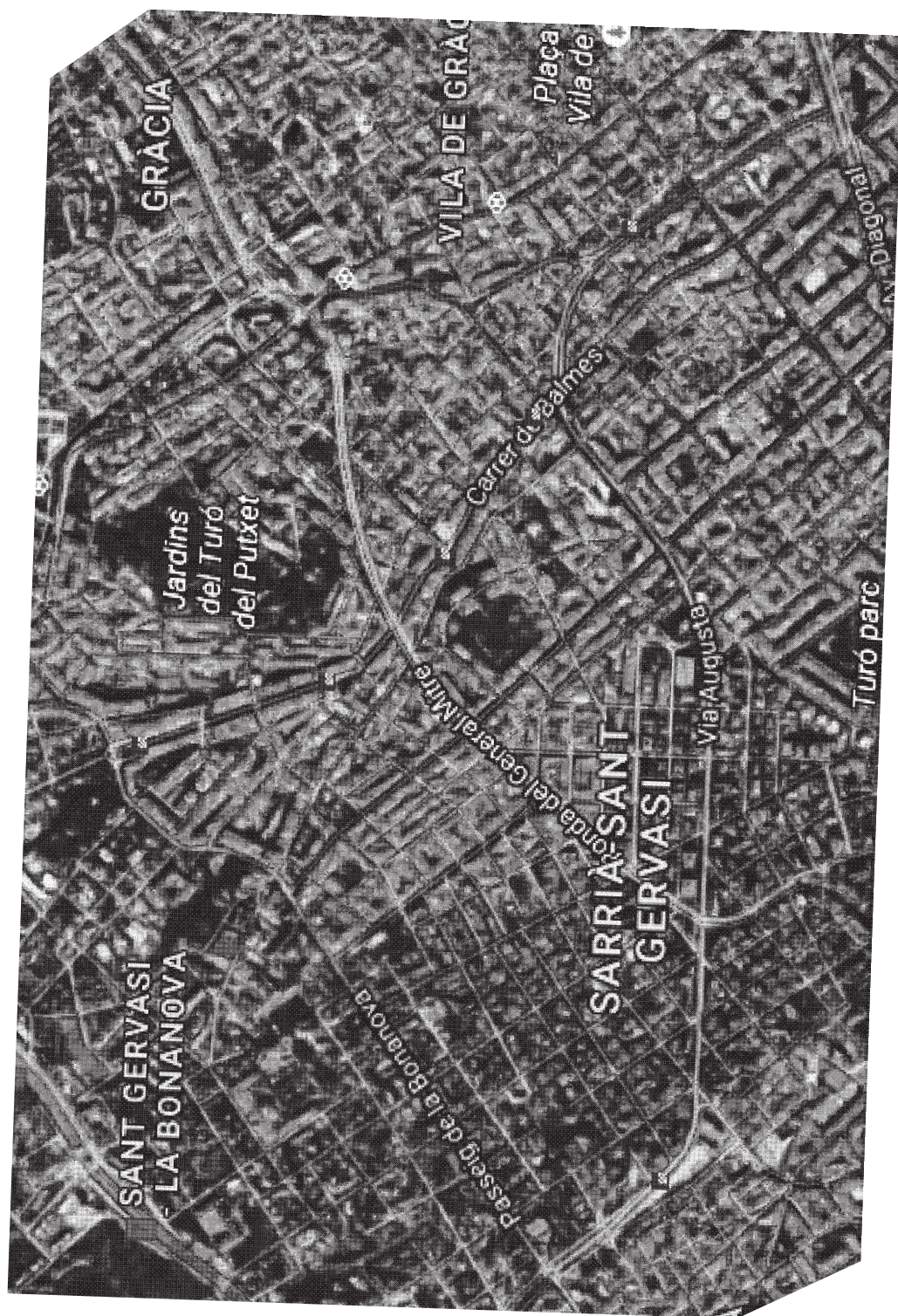
Quando questionada sobre o curso que frequento, existe sempre uma pessoa que não sabe em que consiste o design gráfico, e ainda menos a vertente editorial que aprofundei neste mestrado. A geração dos meus avós é, aquela em que noto menos conhecimento da área em questão, mas mesmo na *iGeneration* nem todos terão a noção do trabalho de um designer editorial.

O meu papel não é de todo criticar a falta de conhecimento ou criar uma demonstração daquele que é o processo num projeto de design ou criar uma designação. Pretendo mostrar que o design editorial está presente na nossa vida, de um forma subtil e sem que muitos o notem ou pensem sobre ele. Mais, quero mostrar que no nosso dia-a-dia, todos fazem parte de algum processo de criação, executando métodos de organização e disciplina. Formas de tornar o nosso quotidiano mais fácil. Isto não significa que sejamos todos designers. Por exemplo, uma criança não o poderia ser porque não tem maturidade nem experiência que a permita ter a mesma perceção e capacidade desenvolver conceitos como um adulto, no entanto desde cedo que descobre a associação de palavras a objetos e conhece os livros infantis, materiais de escrita e a folha de papel. Depois de aprender a decodificar sinais que significam um som ou uma palavra, começa a aprendizagem da escrita caligráfica e a leitura de caracteres tipográficos nos livros. Uma das primeiras formas de paginação na nossa experiência, será precisamente no contacto com o primeiro caderno diário.

Para responder a estas questões, procuro entender o lado emocional nas escolhas que fazemos e perante os nossos objetos editoriais - as relações e o apego que estabelecemos com um objeto e a influência que esses fatores têm sobre a nossa vida.

"Todos os homens são designers. Tudo o que fazemos em quase todo o tempo é design pelo que o design é básico para a atividade humana. O programa ou organização de qualquer acto com um propósito predeterminado constitui o processo de design (...) Design é escrever um poema épico, realizar um mural, pintar uma obra de arte, compor um concerto (...) design é o esforço consciente para impor uma ordem significativa. Como vemos os limites propostos para o design não são rígidos e o raio de ação sobrepõe-se ao de outras atividades e disciplinas."

- Victor Papanek



: PARTE 1 :

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

1.1 _____

O que é a _____

Cases i Associats _____

A Cases i Associats — Sol 361 é um estúdio de design com sede em Barcelona e sucusais em Buenos Aires, Londres, Miami e São Paulo, responsável por mais de uma centena de projetos de comunicação, em especial na Europa e na América Latina.

Fundada em 1990, desde essa altura que se dedica ao design editorial, à estratégia editorial e à organização de redações, entre outras atividades dentro da indústria jornalística. Teve início em território espanhol mas rapidamente sentiu necessidade de expansão para conseguir responder aos projetos que apareciam. Entre os clientes Europeus destacam-se países como Portugal, Espanha, França, Itália, Bélgica, Suíça e Hungria; outros na América latina como o Peru, Brasil, Argentina e Uruguai.

#

Figura 1.

Logótipo da empresa "Cases i Associats - Sol361"



1.2 _____

Primeiras _____

Semanas _____

Cheguei à Cases no primeiro dia de outubro, a transbordar do entusiasmo que a cidade transmitia, curiosidade pelo desconhecido e motivada por estar prestes a envolver-me na minha primeira experiência no mundo do design editorial.

Quando entrei no estúdio pela primeira vez, fui recebida por uma senhora dos recursos humanos que me levou ao lugar onde ia trabalhar e me apresentou ao Javier Rodriguez e à Violeta Valle. O estúdio localizava-se no rés-do-chão de um prédio na zona de Saint Gervasi, um local muito familiar em tons de verde, na cidade de Barcelona.

A entrada principal, e penso que única, era uma porta automática de vidro que apenas abria com um cartão pessoal ou através de um

#

Figura 2.

Capa do suplemento diário

"Zona Deportiva"



botão ou sensor no interior. Nós, estagiárias, tocávamos sempre à campainha para que a senhora da recepção nos abrisse a porta e saudasse dizendo: “Hola! Buenos dias!”.

Era um piso pouco iluminado contando com apenas algumas janelas tipo clarabóia. A entrada aludia a uma espécie de tunel de paredes cor de cimento com alguns pormenores em tijolo e aço; as casas de banho estavam à direita desse corredor, seguidas de um espaço de refeição com um lavatório, máquina de café e uma mesa. Alguns funcionários levavam a sua própria comida, no entanto eu nunca precisei de o fazer pois morava na mesma zona, a cerca de três minutos do local de trabalho. O piso inferior contava também com as áreas de gestão, recursos humanos e edição de livros e catálogos, divididas por vidros quer transparentes como opacos, dependendo da sala. Acima existia um piso estilo *mezzanine* de área menor onde se encontravam cerca de seis trabalhadores, entre eles programadores, informáticos e designers. Nessa “varanda”, numa fila de Macintoshes colocados em secretárias individuais, estavam dois vazios que eu e a minha colega Mariana ocupámos. Apesar de ser um pouco escuro, o espaço tinha uma disposição prática e agradável.

Durante as primeiras semanas como estagiária, comecei por fazer alguns exercícios que então percebi serem apenas de adaptação. A primeira proposta que me foi entregue era um projeto de jornal. Ao longo de toda a primeira semana desenhei vários protótipos para a capa da *Zona D*, um suplemento desportivo.

Entretanto apareceu um trabalho que eu iria explorar em *Photoshop* – a página *on-line* do jornal *Mundo Deportivo*, um diário desportivo de Barcelona com foco especial no FC Barcelona. Durante algum tempo explorei o *layout* e algumas funcionalidades com as quais não estava tão confortável no *Photoshop*, era importante estabelecer alguma sintonia com o projeto que tinha em mãos. Imediatamente e ainda como treino, tive de acertar alguns pormenores nos elementos das notícias. Esta fase ajudou-me a entender como um jornal *on-line* se constrói de raiz.

A minha última tarefa neste projecto, que espero ter sido útil, consistiu fundamentalmente na colocação de medidas em todos os elementos das páginas, desde versão horizontal à vertical, da *mobile* à *desktop*. Depois de instalada uma extensão específica no *Photoshop*, este trabalho requeria apenas três cliques para colocar cada uma das medidas, adicionando um tempo de processamento que demoraria alguns segundos. Foi um trabalho exaustivo no sentido de repetição e monotonia, especialmente quando estendido por vários dias.

Durante as duas semanas em que trabalhei no *Mundo Deportivo*, fiz algumas pausas para prestar auxílio ao Javier no *Día Uno*, suplemento do jornal peruano *El Comercio*. Ainda assim trabalhando sempre em pequenas alterações que durariam poucos minutos.

1.3 _____
El _____
Vigía _____

Este é um dos projetos que tenho interesse em desenvolver com mais cuidado porque foi a primeira proposta que me deu a oportunidade de conhecer um trabalho desde a sua forma inicial até aos últimos pormenores. Foi também um projeto especial pois terá sido o primeiro livro que paginei a ser publicado.

Desde a minha chegada ao estúdio até praticamente à minha despedida, a equipa esteve focada no redesign do jornal *El comercio* — um influente diário peruano. Todo o redesign do periódico contou com a participação de vários designers da equipa, no entanto os principais intervenientes terão sido a Violeta Valle e o Caco David que pouco conseguiam desdobrar o seu tempo para outros projetos.

Estar a trabalhar com o Javier que não estava inserido num projeto tão intenso permitiu-me estar presente em projetos variados. Dessa forma pude contribuir em momentos pontuais no projecto do jornal peruano, mas nunca como algo permanente ou com relevância suficiente para se destacar na minha experiência.

Faziam cerca de dois meses que eu estava na empresa e nesse período pediram ao Javier que terminasse um livro que tinha iniciado anteriormente — o *El Vigía*. Este é um semanário nacional espanhol de logística, onde as temáticas se distribuem pela seguinte ordem: *opinião, análise, agenda, edição impressa, o mais lido* e *SIL2016*. Os serviços que representa passam por: infraestruturas, energia, transportes aéreos, transportes marítimos, entre outros. Apesar de se tratar de uma publicação periódica, desta vez o objetivo seria a concretização de um livro comemorativo dos 120 anos do semanário.

O desenho do objeto já teria sido iniciado por Javier, mas estando ele com outros projetos à sua responsabilidade, atribuiu-me toda a restante a conceção. Inicialmente foi-me proposto o desenho de uma capa que, não só se adequasse ao tema, como ao aspeto interior previamente definido.

Foi o momento em que, pela primeira vez, senti uma fermentação de entusiasmo e motivação no meu local de trabalho. Além de fugir à rotina onde os objetivos diários eram poucos e muitas vezes inexistentes, teria um trabalho um pouco mais pessoal que realizaria com uma relativa dose de liberdade.

Esta seria uma ótima oportunidade de mostrar o meu trabalho e aquilo que aprendi até à data. Comecei de imediato a esboçar o maior número de ideias possível e procurei informar-me ao máximo, fazendo uma pesquisa acerca da história do jornal e começando de imediato a ler alguns dos textos que iam constituir o livro. Ao

longo deste processo procurei dar a devida atenção à necessidade de manter a tipografia previamente definida, bem como às cores. Quando se esgotaram as ideias e já havia esboçado diversas propostas, pedi então opinião ao meu colega Caco, que sempre se mostrou disponível para ajudar, e decidimos mutuamente qual a proposta que eu deveria continuar a desenvolver.

A capa resultou no desenho de um farol (ver fig.8) representativo da atividade portuária característica de Barcelona, quer na atualida-

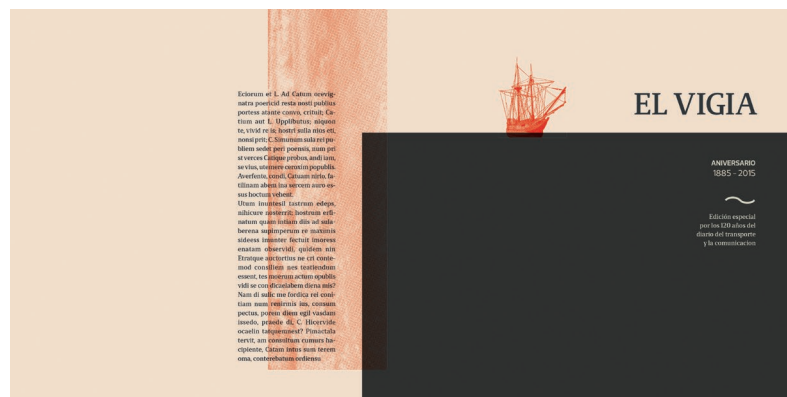
#

Figura 3.
Proposta de Capa
nº1 para o livro
“El Vigia”



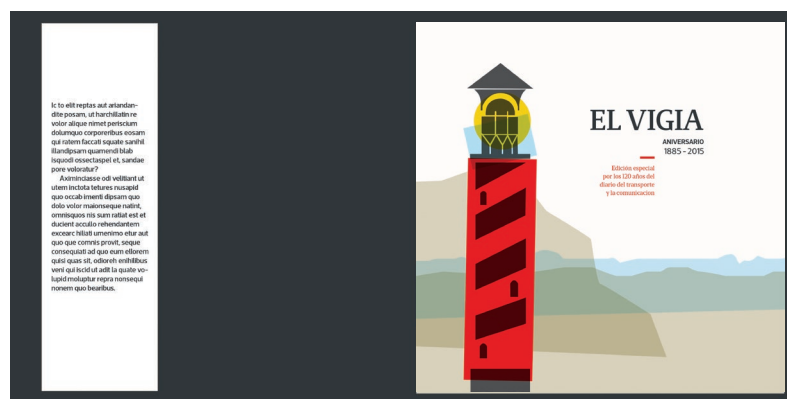
#

Figura 4.
Proposta de Capa
nº2 para o livro
“El Vigia”



#

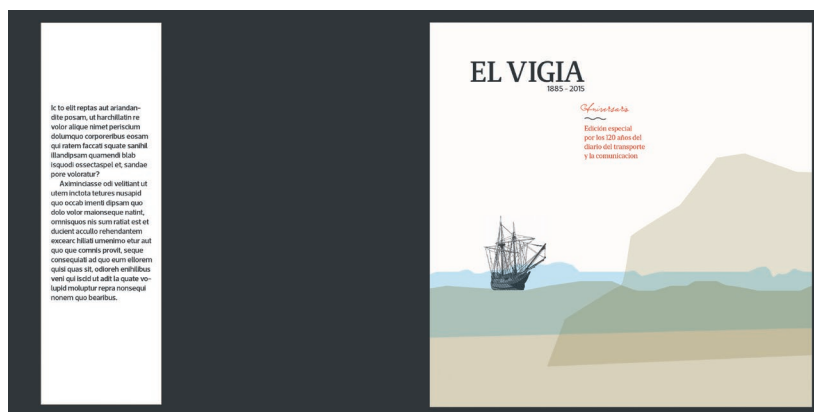
Figura 5
Proposta de Capa
nº3 para o livro
“El Vigia”



#

Figura 6.

Proposta de Capa nº4 para o livro “El Vigía”



#

Figura 7.

Proposta de Capa nº5 para o livro “El Vigía”



#

Figura 8.

Proposta de Capa nº6 para o livro “El Vigía”



de como em toda a sua história. Todos os restantes elementos foram inspirados no desenho do miolo, à exceção da textura de pontos que inverteu a lógica — nascendo na capa e sendo posteriormente transferida para o interior, podendo ser encontrada no índice e nos separadores de capítulos. Esta intervenção foi possível porque logo após o desenho da capa, foi-me proposta também a paginação do interior e o desenho do prefácio e índice.

No início do processo de paginação comecei por criar *Paragraph Styles* associados a todos os estilos previamente desenhados pelo Javier.

Com o método de organização estabelecido, passei à colocação de todo o texto com tamanhos e formatação corretos, obtendo assim uma estimativa mais realista do número de páginas que ocuparia. Esta informação também seria importante para que o cliente pudesse ponderar de forma mais consciente o número de fotografias que possíveis de serem colocadas no livro, sem que este variasse demasiado no número de páginas estimadas e consequentemente no orçamento. Nesta fase esperei uma resposta durante alguns dias, uma vez que sem a aprovação não poderia avançar.

Finalmente chegou o “Ok” acompanhado das fotografias e informação das respetivas localizações no livro. Procedi à colocação das imagens com ajuda do Javier, de forma percebermos qual seria a melhor disposição e dimensões, bem como à resolução das problemáticas das legendas, optando por colocar as imagens sempre em páginas ímpares ou em *spread* com a finalidade de obter um único modelo de legenda.

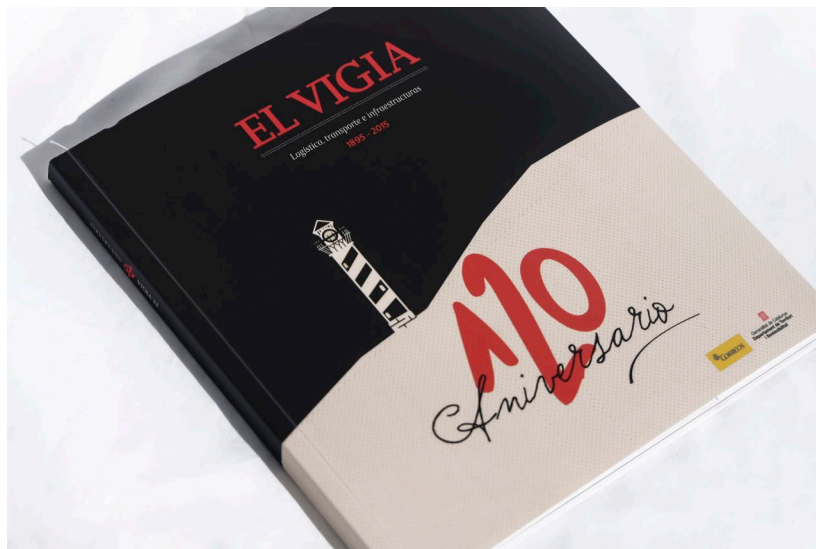
Depois de terminada a paginação, enviei o documento para a equipa de edição, num outro departamento onde o trabalho incide especificamente na edição de livros.

Passados alguns dias, chegava às minhas mãos a versão final com todas as revisões feitas. Perto do fim e em fase de correções, faltaria apenas substituir uma das fotografias por uma outra que mais se adequara, porém, no instante em que acedi ao ficheiro para proceder a essa intervenção, tive a oportunidade de notar as alterações que a paginação tinha sofrido ao passar pela equipa de edição. Não encontrei um número relevante de mudanças, no entanto o número de viúvas e órfãs que até aí eram quase inexistentes, revelou-se excessivamente significativo. Percebi que isso acontecera porque todo o texto teria sido formatado para que a sua terminação coincidissem exatamente com a última linha da última página de cada capítulo. Nunca outrora tinha olhado para esse critério como uma regra de paginação, mas essa era de facto uma regra que o estúdio preservava.

Dado que tinha de novo o controlo sob a paginação, perguntei ao Javier se me permitiria que fizesse algumas alterações de forma a anular, no mínimo, as viúvas e órfãs mais incabíveis que apare-

#

Figura 9.
"El Vigía" - Capa



#

Figura 10.
"El Vigía" - Separador
de Capítulos



#

Figura 11.
"El Vigía" - Miolo



ciam ao longo do livro, obtendo a sua permissão na condição de que a terminação dos capítulos se mantivesse. Como tudo o que parece um tanto impossível gera muito mais entusiasmo, este foi de facto um dos desafios que mais me deu satisfação. Consegui então desaparecer com praticamente todas as situações que, em paginação, aprendi a considerar erros, bem como manter os critérios que foram estipulados.

Vitória! Vitória!

Restava apenas guardar o ficheiro finalizado e para esse efeito, foram-me disponibilizados os valores de gravação de ficheiros preestabelecidos pela empresa.

Por fim, enviei o ficheiro para o Joan, o elemento da Sol90 que me acompanhou ao longo deste trabalho, sendo o principal intermediário entre o estúdio e o cliente.

1.4 _____ Entre _____ Projetos _____

No final de novembro e durante o mês de dezembro, colaborei no redesenho do jornal *El Comercio*, primeiramente na edição diária com a Violeta e depois no suplemento *Luces* com o acompanhamento do Caco. Trabalhei com grande cuidado algumas páginas que precisavam de reformulações importantes na gestão do espaço, como foi o caso das secções *Televisión*, *Agenda* e *Listín*. A secção *La Cartelera* foi o maior desafio porque tive de criar um novo modelo de apresentação de vários cinemas e respetivos filmes e horários, com um aspeto mais limpo e legível, enquanto o espaço na página se mantinha. Para isso criei uma organização similar à anterior mas com um maior espaçamento entre os tópicos, preservando espaços brancos que facilitassem a leitura. Dessa forma e utilizando também a versão *bold* e capitulares da fonte para que pudessem ser distinguidas as hierarquias, mesmo reduzindo o tipo de letra apenas um ponto, tudo estava mais legível. Este pequeno trabalho tornou-se num ótimo desafio, daqueles que tornam o dia mais interessante.

#

Figura 12

"Luces" - "Televisión"



#

Figura 13

"Luces" - "Agenda"
e "Listín"

1.5

Shakespeare
e Cervantes

A empresa cedeu-nos duas semanas de férias no final do mês de dezembro. Trabalhei até ao dia 22 e apanhei o voo na madrugada seguinte para Lisboa.

Depois de umas saborosas férias de natal, em casa com a família, amigos e os meus queridos cães, voltei à cidade de Gaudí para cumprir a segunda metade do meu estágio.

No início de janeiro não tive muito trabalho, foi um regresso calmo, apenas com pequenos objetivos diários quando estes apareciam, no entanto no final do mês surgiu uma agradável surpresa. Há uns meses atrás, o Caco começara um projeto de livro para o qual tinha desenhado duas propostas de capas: uma para *Hamlet* de *Shakespeare* e outra para *Don Quixote de La Mancha* de *Cervantes*.

As suas propostas não foram aceites pelo cliente e como os dias de Caco permaneciam preenchidos pelo projeto do *El Comercio*, ele pediu-me o redesenho das capas com um novo conceito.

A primeira parte consistiu em reconhecer qual tinha sido razão que impediu a aceitação pela parte do cliente: as primeiras propostas do Caco fruíam de um grafismo com um aspeto mais informal que aquele que estamos acostumados a ver em livros de obras clássicas. O seu aspeto era interessante, contando com um fundo azul ciano, alguns pormenores em cinza e ícones minimalistas representativos do autor e da respetiva obra. Porém, com a reprovação da parte do cliente, entendemos que ele não queria algo moderno mas com cariz tradicional.

O primeiro critério que estabeleci para realizar este trabalho consistiu essencialmente na ideia de criar capas com aspeto clássico, sem que as ideias do Caco fossem perdidas.

Quando começava os primeiros esboços, chegou a informação que o propósito deste projeto não se resumia ao desenho das duas capas até agora descritas, mas na criação de toda uma coleção de doze livros: seis obras de *Shakespeare* e seis obras de *Cervantes*; assim tornou-se fundamental encontrar um grafismo que pudesse ser reproduzido em vários temas, mantendo coerência visual enquanto distinguiria as diferentes obras.

Tentei manter o seu aspeto *clean* e já que estávamos a falar de ícones, peguei em alguns pormenores de elementos em vetor simples e provenientes de motivos florais para acrescentar com subtilidade uma ideia de arcaico.

Até determinado momento o conceito funcionou e eu já teria o esboço de todas as capas da coleção. Sempre discutindo ideias com o Caco, optei por usar cores de conotação formal: vermelho escuro e dourado; quanto às fontes, mantive as que Caco tinha selecionado,

sendo estas a *Breve Display* e a *Utopia* — preservando o enquadramento que o meu colega atribuíra aos nomes dos autores, criando assim uma espécie de logótipo da coleção, quando acompanhados pelos dois ícones que também ele havia desenhado, representativos das duas personalidades importantes da literatura.

Depois de terminadas as capas e aprovadas pelo principal responsável da equipa da edição de livros, David Cases, enviámo-las para o cliente, para que ele pudesse dar conhecimento da sua opinião.

Enquanto aguardávamos por uma resposta, foi-me proposto também o desenho do interior dos livros da coleção. Comecei por criar diferentes modelos, com grandes capitulares e indicações de cena que saltavam fora da mancha de texto. A numeração de página interagia com as referências do nome do livro, do autor e da presente cena, para a qual também criei diversos ícones relacionados com cada uma delas, um pormenor interessante se não fosse esse um trabalho demasiado exaustivo numa coleção de doze livros com dezenas de cenas cada um. Optei então por escolher apenas um ícone característico do livro em questão.

Depois de avaliado por David, o miolo teve de sofrer grandes mudanças pois era necessário reduzir as margens, colocar as indicações de cena no seguimento do texto e não seria possível utilizar cor em nenhuma das páginas e assim, mais que algum elemento, os separadores teriam de ser repensados.

Realizei algumas propostas para os novos separadores. Como o uso da cor deixara de ser uma possibilidade, as alternativas à página de fundo branco eram limitadas: ou utilizaria tons de cinza ou preto. Uma mancha com 100% de preto seria demasiado pesada para as páginas frágeis do miolo, então restava encontrar uma solução com uma percentagem menor. Depois de algumas experiências com manchas homogêneas e perante um sentimento de carência de elementos gráficos, já que estes seriam livros unicamente compostos por texto, comecei um teste de padrões que jogariam com tons de cinza e trariam dinamismo a estas páginas, uma vez que o conceito de ícone já tinha sido previamente introduzido e autorizado na conceção do livro, talvez fosse pertinente dar-lhe mais alguma funcionalidade.



#

Figura 14
Logótipo da coleção

Peguei no ícone de uma caveira desenhado por Caco durante a sua primeira experiência de capa, e dei-lhe utilidade ao criar um padrão de leves percentagens de preto, este que em conjunto com elementos tipográficos que ditavam expressões célebres de cada ato, deram forma aos separadores.

No desenvolver do projeto, chegámos à conclusão que a representação da caveira seria muito limitativa porque não se enquadraria nos temas de todos os livros, consequentemente exigindo o desenho de novos padrões. A solução prática para esta problemática consistiu em colocar a caveira de lado e criar um novo padrão construído com os ícones de *Cervantes* e *Shakespeare*, obtendo um resultado versátil, capaz de ser colocado em todas as obras.



#

Figura 15
Primeiros esboços de capa

Depois de ajustar alguns pormenores, preparei ficheiros o documento base do desenho do miolo e guardei e enviei também os ficheiros editáveis dos ícones e padrões, para que os meus colegas também tivessem acesso aos mesmos.

Recebi então a aprovação do miolo e voltei a trabalhar na conceção da capa.

Passados alguns dias tinha chegado o feedback do desenho das capas e apesar de ser uma reação bastante positiva, o cliente ainda não estava satisfeito porque pretendia que o conteúdo da história fosse representado de forma mais clara naquele que é o invólucro do livro.

“This above
all to thine
ownself be
true; Thou
canst not
then be false
to any man.”

PRIMER ACTO

Escena I / Escena II / Escena III / Escena IV / Escena V
 Escena VI / Escena VII / Escena VIII / Escena IX / Escena X / Escena XI / Escena XII

Como entrega final, foram-me apenas requisitadas as capas referentes às obras de *Shakespeare*, e apesar de a estrutura estar preparada para ser adaptada a *Cervantes*, não tive oportunidade de

#

Figura 17
À esquerda
o separador
com padrão
de caveiras.
À direita
o modelo
final.



concluir todas as capas.

As capas foram aprovadas mas iniciei um outro projeto enquanto aguardava que o cliente desse o “ok” final para que eu pudesse iniciar a paginação de todos os livros.

Durante o período de estágio, o dia em que terminava todo o projeto em que trabalhei não chegou e provavelmente não chegará. No entanto todo o processo foi real, completo e entusiasmante para mim, é por isso que considero este é um dos trabalhos mais interessantes que realizei na Cases.

#

Figura 18
Capas finais para
as obras de William
Shakespeare



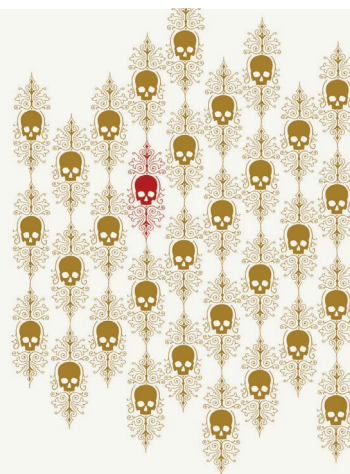


HAMLET es una tragedia que traza el admirable retrato de un legendario príncipe de Jutlandia, soñador, contemplativo, sumido en dudas e irresoluciones, que, obligado a esclarecer los motivos que llevaron a la muerte de su padre, sucumbe ante la fatalidad de las circunstancias. Su locura no es sólo, al modo tradicional, una ficción y una coartada, sino que se convierte en modo de ser y en visión del mundo. Su ambigüedad, su ambivalencia y su desorientación lo aproximan notablemente a la sensibilidad de nuestra época. Poblada, como señala en su prólogo Vicente Molina Foix, por una abundante y compleja galería de personajes «secundarios», la obra ha gozado de una constante vigencia a lo largo del tiempo, que ha hecho que se incorporen al lenguaje común numerosas expresiones de la obra («ser o no ser», «palabras, palabras, palabras», «lo demás es silencio») que han llegado a hacerse emblemáticas.



William Shakespeare

Hamlet



Hamlet

William Shakespeare

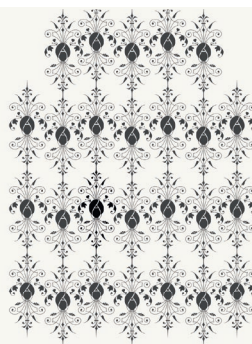


OTELLO es una amplia galería de personajes que a lo largo de las obras de William Shakespeare (1564-1616) encarnaron las más universales y comunes pasiones que mueven la naturaleza humana. Oteló ha pasado a representar el hombre destruido por los celos. Sin embargo, a pesar de que, popularmente, permanezca este rasgo en la memoria colectiva como el más famoso de la obra, éste es tan sólo el pico visible del tema crucial y más general. Como señala en su iluminador prólogo Vicente Molina Foix? de la misma: la desconfianza. Movida por este veneno que se esparce por sus diálogos e impregna las relaciones entre parejas, entre hombres y mujeres, entre jefes y subordinados.



William Shakespeare

Otelo



Otelo

William Shakespeare



1.6 _____
Mundo _____
Deportivo _____

Depois de mencionar o *Mundo Deportivo* no início do relatório como um trabalho de curto prazo, volto a referi-lo mas desta vez com maior relevância. O *Mundo Deportivo* é um diário desportivo de Barcelona que desde 1906 que mantém informados todos os apreciadores de desporto e que se dedica a reunir notícias sobre futebol, basquetebol, fórmula 1, motociclismo, ténis, ciclismo... e em grande destaque sobre o Futebol Clube Barcelona.

A proposta entregue à empresa consistiu no redesign da versão *web* do jornal. Esta não seria a primeira vez que a Cases tratava de desenhar a sua página on-line e os documentos em que trabalhei uns meses atrás eram a evidência disso, notando que integravam a versão anterior à que estava prestes a ser realizada.

Este seria o momento em que eu iria achar muito oportuno ter trabalhado na edição das páginas em *Photoshop* e ganho alguma prática, todavia, os programadores do jornal pensaram em algo diferente e trocaram as voltas à empresa, exigindo que o trabalho fosse realizado não em *Photoshop* mas sim recorrendo ao programa *Adobe Muse*. Os meus colegas de equipa mostraram-se um quanto apreensivos a este requisito porque, tal como eu, nunca antes tinham utilizado a aplicação, no entanto a única opção seria de ceder ao pedido do cliente.

Por esta altura o projeto *El Comercio* encontrava-se numa fase calma, em aprovações e revisões. O Caco começou a dedicar o seu tempo ao *Mundo Deportivo* e deu-me imediatamente pequenas tarefas dentro do projeto, para que também eu pudesse adaptar-me ao programa que nenhum de nós conhecia. A partir desse momento o trabalho começou a fluir e a crescer.

Por sorte, trabalhar em *Muse* foi uma tarefa muito intuitiva, o novo programa tornou-se muito familiar logo após alguns cliques e as suas semelhanças com os outros programas da *Adobe*, em especial com o *Indesign*, trouxeram-me um maior conforto na sua utilização.

Sem muito tempo para acomodação, todos os dias havia muito trabalho para ser feito. Divido entre projetos, o Caco começou cada

#

Figura 19
Módulos do *Mundo Deportivo*. *Encuesta*, *Multimedia* e *La Jornada*



dia a deixar-me mais responsabilidades em torno do *Mundo Deportivo* e passei da etapa de fazer ajustes e acertar medidas à responsabilidade da criação de novas páginas e modelos. Antes da minha entrada no projeto, o Caco tinha já desenhado vários modelos e módulos de notícias, a tipografia estava definida, as cores e os tamanhos quer das fontes como das imagens também. As duas fontes utilizadas foram a *Open Sans* e a *Source Serif Pro*. Na paleta de cores encontram-se em pormenores em preto, o mesmo vermelho e o amarelo que estavam presentes no logótipo, azul para as redes sociais, amarelo de novo para as notícias de carácter social e multimédia, e dois cinzas que aparecem em alguns destaques, lista de cabeçalho e outros. A base estava criada, os ícones desenhados e já existiam alguns protótipos do enquadramento de algumas notícias mais relevantes.

A partir deste momento o meu trabalho consistiu na adaptação das notícias fictícias e na criação de módulos para todos os tipos de páginas que o website requeria. Alguns dos módulos desenhei de raiz como no caso dos inquéritos que tinham como nome *Encuesta*, as tabelas *La Jornada*, o espaço *Multimedia* (figura 19), entre outros que da mesma forma precisavam de módulos distintos daqueles que estariam previamente desenhados para as notícias comuns.

Ao longo do processo o *Adobe Muse* permitia-nos pré-visualizar o layout numa página web como simulação do resultado final, sem ser necessária qualquer exportação. Muito daquele que foi o meu trabalho consistiu também na criação de páginas que, com a devida

distribuição de secções, organizavam todos os módulos que tinham sido criados, servindo como uma biblioteca onde podia ser encontrado qualquer tipo de módulo que fosse necessário no momento de criar uma nova página.

Criar composições para as páginas web consistiu num trabalho de muito cuidado e alguma perseverança, não fossem muitos dos dias preenchidos apenas pela função de mudar o tamanho de todos os ícones das redes sociais, por exemplo.

O andamento do projeto foi um processo muito fluido, no qual o contacto com o cliente foi constante e imediato permitindo-nos avançar todos os dias até chegar ao resultado final.

Figura 20
Exemplo de página
on-line do jornal
Mundo Deportivo.



1.7 _____
Últimos _____
Dias _____

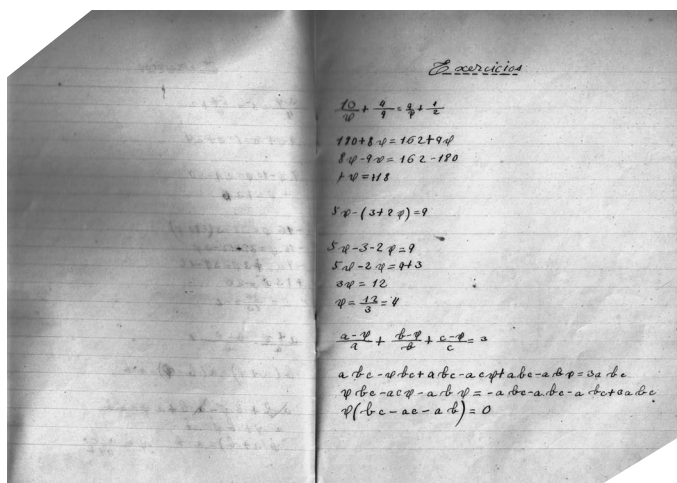
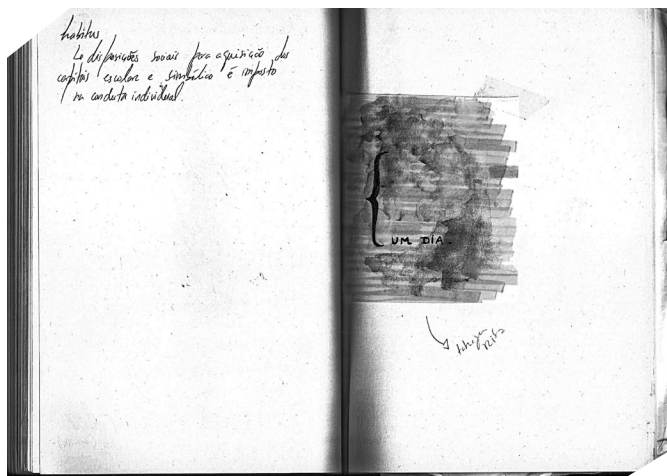
Um mês era o tempo que faltava para terminar a experiência que me levava até Barcelona. Aquela que entre museus, tapas e todas as intermináveis atividades que somente uma cidade cosmopolita como esta nos pode oferecer, também me ensinou a trocar a minha língua materna por frases razoavelmente construídas em Castelhana e algum (muito pouco) Catalão. Entre tempos livres de programa cheio, esta viagem deu-me permissão para participar ativamente num exemplo do mundo editorial e adquirir a minha maior experiência na profissão de designer.

Passados dias de trabalho mais intensos, surge um sentimento de gratificação quando todos os pormenores em que trabalhámos estão finalmente reunidos. Foi essa a minha sensação quando observei as páginas do *Mundo Deportivo* ganharem forma.

Com o processo de aprovação em curso, faltavam sensivelmente duas semanas para o final do tempo de estágio. E foi num desses dias que o estúdio voltou a mudar de instalações, desta vez ocupando lugar num edifício situado na Avenida Diagonal, localizado numa rua a apenas alguns metros da famosa Sagrada Família.

Foi nessa “nova casa” que me despedi dos meus colegas e cheguei ao fim do meu percurso na Cases i Associats.

Não tive oportunidade de ver o projeto *Mundo Deportivo* terminado a 100% porque encontrava-se nas mãos dos programadores do jornal em questão quando deixei o estúdio, no entanto, algum tempo depois e já de volta a casa, acedi ao website do jornal desportivo e pude confirmar que o seu novo design, assim como eu o conhecia, já teria sido implementado. Dei o projeto por terminado e assim o estágio por concluído.



: PARTE 2 :

O OBJETO EDITORIAL COMO CATALISADOR DE EMOÇÕES

2.1 _____
Como surge _____
o tema _____

Quando penso no que estou a concretizar e a aprender enquanto estudante de design editorial, falar sobre objetos editoriais surge como uma necessidade.

Ao considerar um tema para desenvolver no presente relatório, comecei por refletir sobre o meu percurso ao longo de todo o mestrado, desde os primeiros trabalhos realizados nos primeiros semestres ao período de estágio.

Enquanto frequentava a unidade curricular de *Edição de Livros*, realizei um projeto chamado *Tipologia de um Bloco de Notas* — um livro que ensina como utilizar um bloco de notas e que é simultaneamente um bloco de notas.

Na qualidade de autora por uns dias, como conteúdo do livro criei alguns temas nos quais dou sugestões sobre como criar notas, destaques e imagens nas páginas, mostro exemplos de símbolos e separadores, listo os tipos de notas que podemos escrever, sugiro diferentes métodos de organização, descrevo alguns dos “erros” que devemos evitar para manter a legibilidade e mostro até algumas alternativas ao bloco de notas tradicional.

No livro podemos também encontrar elementos gráficos como uma lista de ícones, um desenho demonstrativo da anatomia de um bloco de notas e exemplos de *layouts* de listas de tarefas, contactos, compras e refeições semanais.

Enquanto realizava o projeto, reuni todos os blocos de notas que tenho e expus um a um, dispersos pelo livro, em páginas de tamanho reduzido. Não os publiquei todos. Percebi que tenho uma quantidade de blocos de notas absurda para o uso que lhes dou, mas ainda assim não acho que consiga desfazer-me de algum. Alguns porque ainda os quero vir a utilizar, outros porque já utilizei e guardam algum tipo de recordação, e outros porque são demasiado bonitos para serem riscados.

Estes motivos deram-me a perceção de que a minha relação com esses objetos não é apenas prática ou simplesmente racional.

Encontrei tarde o prazer na leitura. Esta reflexão vem responder à pergunta que, até há alguns anos quando não sabia o que era um designer editorial, fazia a mim mesma:

— “Se não gosto de ler porque gosto tanto de entrar em livrarias e olhar para livros e cadernos?” Olhar para as capas, folhear, sentir o cheiro da tinta, do papel, da cola..., a textura das páginas e as manchas de texto sucessivas que dão peso e significado a cada página de papel.

Talvez faça sentido agora querer desenhar livros. Mas mais que isso, talvez faça sentido observar com mais cuidado esta ligação que o objeto nos convida a estabelecer com ele.

Nesta reflexão surge um novo ponto: se descobri tarde o prazer na leitura, tarde também descobri o que é o designer editorial e aquilo que ele faz. Hoje quando me perguntam o que estudo, conseqüentemente surge a questão: - “O que faz um designer editorial?”; — “Desenha livros, jornais...”; — “Ah, mas então o quê, desenha as capas?”. Se eu descobri o que era design apenas quando estava na licenciatura (em design gráfico), não estarei a citar este diálogo em tom de anedota.

O meu objetivo não passa por mostrar o trabalho do designer, mas sim promover ao leitor uma resposta pessoal ou uma reflexão daquilo que é o objeto editorial, da nossa relação com ele e a sua importância nas nossas vidas.

#

Figura 21

O livro: “Tipologia de
um Bloco de Notas”



2.2 _____ As pessoas _____ e os objetos _____

No nosso quotidiano, vivemos rodeados de objetos com os quais interagimos nas actividades básicas. Alguns ajudam-nos a realizar tarefas, comunicar, entreter... outros são pedaços físicos de memórias que nos lembram determinadas pessoas, espaços e momentos.

Coletamos objetos porque precisamos deles, outras vezes apenas porque são bonitos, interessantes e fazem-nos sentir bem e confiantes.

Embora sejam inanimados, é possível para o ser humano criar empatia com um objeto e desenvolver sentimentos pelo mesmo. Pode ser uma coisa que vemos numa loja e queremos comprar, um presente que alguém nos ofereceu ou algo que encontrámos num lugar — é sempre possível estabelecer uma ligação.

Quando gostamos de alguma coisa, costumamos de querer apoderar-nos dela, por vezes até adquirimos objetos apenas pelo prazer de ter algo novo, alguns serão úteis na nossa rotina e outros apenas tornam a nossa rotina mais interessante.

Quando guardamos algo que não usamos por muito tempo e não conseguimos deitar fora, é muito provável que tenhamos criado algum tipo de afinidade ou sentimento, como um símbolo de uma relação com outra pessoa, uma lembrança do passado ou pela inspiração que conduz até nós.

O livro é um ótimo exemplo para testar esta ideia.

Muitas pessoas sentem a necessidade de ter um livro, mesmo que não seja para o ler. Há quem peça um livro emprestado e no fim não fique satisfeito em ter de devolver, preferindo sempre adquirir o produto, não sendo para ele suficiente ter acesso ao conteúdo por tempo limitado. Um livro também pode servir como um objeto que guarda a informação num lugar seguro, que podemos sempre consultar quando nos faltam dados ou quando falha a memória daquilo que foi lido. Existe por ou-

"I have always been fascinated by beautiful things: architecture, furniture, books. Beautiful things are prepared with love. The act of creating something of beauty is a way of bringing good into the world. Infused with optimism, it says simply:
Life is worthwhile."

- Allan Moore

tro lado quem tenha prazer em comprar livros pelo seu aspeto ou pela necessidade de o expor para afirmar conhecimento.

2.3 _____

A importância _____
da beleza _____



#

Figura 22
Furby. Brinquedo
eletrónico

Todos nós damos importância ao aspeto das escolhas que fazemos: a mobília da casa, o destino de férias, o novo telemóvel, o restaurante onde comemos... Não por ser a característica mais importante, mas porque é aquilo que nos deixa instantaneamente felizes.

Desde a minha infância que fui influenciada pelo aspecto das coisas. Tinha tendência para determinadas cores e elas definiam aquilo que eu gostava e queria comprar: aos quatro anos queria “ser” a power ranger cor-de-rosa e ainda nessa fase escolhi um *Furby* (queria tanto um mocho/hamster de peluche que falava) que não falava porque só a versão “baby” tinha a minha cor favorita; com catorze anos, quando finalmente me

ofereceram um MP3, optei por um aparelho com menos capacidade e pelo mesmo preço que um superior, apenas porque preferia em amarelo fluorescente; hoje, com quase vinte e quatro anos dei por mim a preferir um frigorífico em inox um pouco mais caro, mas mais bonito que o tradicional em branco.

Por mais lógicos que tentemos ser nas nossas escolhas, há sempre o peso muito importante da estética, se não for na escolha de um eletrodoméstico será num carro, num telemóvel...

Isso não acontece só porque somos influenciáveis, mas sim porque na presença de coisas bonitas, tendemos a sentir-nos melhor e a estimular o nosso lado criativo.

Allan Moore no seu livro *Do/ Design Why beauty is key to everything*, mostra-nos a importância da beleza e a incrível capacidade do designer de criar a essa beleza. Ele não define um padrão, pelo contrário, nos vários temas que aborda na sua obra dá a conhecer diversas formas de beleza e encoraja o leitor a estar mais atento ao encanto e à harmonia daquilo que o rodeia.

Moore diz-se um “*maker*”, o seu trabalho é inovar na área do empreendedorismo, mudando a maneira como as pessoas entendem o mundo, e fazer com que as empresas tenham sucesso num mundo em constante mudança. “*Building beautiful businesses is my life’s mission.*” (Allan Moore).

Ele não fala sobre o designer como profissional, mas sim na forma como todos podemos e devemos pensar como um, nos nossos projetos e no nosso dia-a-dia. No seu livro, opta por dar vários exemplos distribuídos em diversas profissões ou interesses, destacando sempre a importância e o impacto da beleza naquilo que fazemos: “*Whether you are an artisan, an entrepreneur, or a CEO searching for some homespun hard-won wisdom, Do Design hopes to inspire, guide and show how we might so elegantly create for enduring beauty*” (Allan Moore).

Entre exemplos como a Pixar e a Apple, ele expõe a experiência de um astronauta, Edgar Mitchel que conta a sua experiência quando foi ao espaço. Ele descreve o momento quando olhou para terra pela primeira vez numa oscilação entre o choque e a beleza que admirava, originando uma ligação

"You see things as you see them with your eyes but you experience them emotionally and viscerally as if it was ecstasy and a sense of total unity and oneness."

- Edgar Mitchell

espiritual profunda. Naquele momento apercebe-se como nunca da fragilidade da vida e da nossa pequenez na imensidão do universo, pensando não no seu país, mas sim na humanidade. Para ele, os conflitos que separam as pessoas tornam-se menos significativos e o mais urgente torna-se apelar pela verdadeira definição de união e caminhar ao encontro de uma melhor forma de viver e existir.

2.4 _____ Por que funcionam melhor objetos mais atraentes ____

Noam Tractinsky surge no livro "Emotional Design" de Donald Norman, como o cientista israelita que não acreditava na ideia de que as coisas atraentes funcionam melhor.

"Attractive things certainly should be preferred over ugly ones, but why would they work better?" (Norman).

A resposta podia ser esta: os investigadores japoneses Masaaki Kurosu e Kaori Kashimura desenvolveram uma experiência com duas caixas automáticas (ATM). Alteraram duas dessas máquinas, uma com melhor aspeto, com os botões e a apresentação do ecrã pensados e organizados de uma forma mais atrativa, e os elementos da outra reproduzidos de uma forma menos atraente. Os resultados da experiência dos dois colegas japoneses revelaram que a caixa automática mais atraente era a mais fácil de utilizar.

“It requires a somewhat mystical theory of aesthetics to find any necessary connection between beauty and function”

- Herbert Read

Mesmo tendo conhecimento deste estudo, Tractinsky permanecia desconfiado. A experiência podia ter falhas, e mesmo que não tivesse, o resultado podia ser de facto verdadeiro quando testado com o povo japonês, mas não para outros povos como os israelitas. *“Aesthetic preferences are culturally dependent”*, disse Tractinsky, acrescentado que os israelitas são um povo prático, da ação e que se preocupa pouco com a beleza.

Assim o cientista resolve repetir a experiência feita pelos japoneses mas desta vez em Israel. Traduziu as informações de japonês para hebraico e colocou o teste em prática.

Surpreendentemente, a conclusão não só foi a mesma, como os resultados foram ainda mais claros. *“Were not expected to correlate”* (Tractinsky).

Perante coisas bonitas, as pessoas tendem a sentir-se mais alegres e assim a pensar de forma mais criativa, mesmo que não esteja tudo correto, procuram por soluções alternativas. Quando um indivíduo se encontra num estado de maior ansiedade ou tensão, procura soluções óbvias.

2.5 _____

Relação emocional _____

com objetos _____

*De que forma as emoções influenciam as nossas escolhas?
Como pode o design provocar emoções e comunicar personalidade às pessoas?*

2.5.1 _____ Definição _____ de emoção _____

As emoções resultam de experiências de prazer ou de sofrimento que comandam a nossa atenção. As diferentes dimensões da emoção afetam diferentes aspetos do nosso comportamento bem como ao longo do tempo transmitem personalidade.

A emoção tem sido muitas vezes associada a um problema que deve ser superado e que não deve interferir em questões racionais ou lógicas. Muitos dos estudos mais antigos apenas testavam os seus efeitos negativos como a ansiedade, o medo e a raiva. Hoje já se acredita que a emoção deve ser seriamente considerada porque tem um papel muito importante no nosso quotidiano, sendo um fator crucial na hora de tomar uma decisão.

As emoções positivas são tão relevantes quanto as negativas, ajudam a distinguir o bom do mau, o que é seguro daquilo que é perigoso.

Para que consigamos compreender como funciona a emoção nas pessoas, será necessário primeiro compreender do que falamos quando usamos a palavra “emocional”.

Segundo Trevor van Gorp, co-autor do livro “Design for Emotion”, os estudos afetivos ou emocionais podem ser descritos em duas formas implícitas: o valor e a euforia.

O valor refere-se ao juízo, entre aquilo que está bem ou mal, análises sobre se algo é agradável ou desagradável.

A euforia está associada à reação inconsciente do corpo, do cérebro ou de um comportamento particular, e define-se pelos níveis de ansiedade ou tédio, podendo ser observada através do batimento cardíaco, da respiração, da pressão sanguínea ou da pele. É o canal mais importante para designer durante a tentativa de ganhar a atenção e influenciar comportamentos.

Van Grop dá o exemplo do sinal STOP: usa um vermelho forte para chamar a atenção dos condutores no meio da confusão visual que são as ruas e as estradas. Isto funciona porque as

cores saturadas e brilhantes, as imagens e a tipografia de grande dimensão e o alto contraste aumentam os níveis de euforia.

2.5.2 _____ Dimensões de _____ comportamento _____

As diferentes formas de emoção influenciam diferentes formas de comportamento.

Segundo Trevor van Gorp, o valor determina aquilo que queremos e o que evitamos, preferindo aquilo que nos traz boas sensações ao que nos transfere sofrimento ou tristeza. A euforia determina a nossa motivação para algo, e a intensidade com que o experienciamos. Quanto mais intensa a emoção, mais atenção lhe vamos dar: o tédio concede-nos pouca motivação, enquanto a ansiedade resulta no aumento da mesma.

Van Gorp dá como exemplo o som de aviso que alguns carros emitem quando não colocamos o cinto de segurança. Quando o som irritante começa, transmite-nos uma sensação negativa que nos dá vontade de o fazer parar.

O produto captou a atenção do indivíduo, desencadeando uma resposta emocional que aumenta a probabilidade da pessoa em questão agir de determinada forma.

Essa resposta pode ser consciente ou inconsciente, por exemplo, quando vemos um objeto de uma cor forte ou com uma forma singular, a nossa atenção é inconscientemente atraída para ele e optamos por realizar uma ação.

2.5.3 _____ Como processamos _____ as emoções _____

Quantas vezes ouvimos dizer que alguém é racional ou emocional?

Não podemos fazer essa classificação, simplesmente porque essas duas formas de pensar não são independentes uma da outra e não trabalham em separado.

O afeto, a emoção e o conhecimento evoluem para interagirem de forma eficiente e se complementarem entre eles.

O afeto e a emoção permitem-nos julgar aquilo que é bom e aquilo que é mau, se é seguro ou perigoso — juízos importantes para a nossa sobrevivência. Já o conhecimento ajuda-nos a interpretar o mundo proporcionando-nos capacidade de raciocínio e sabedoria.

Estes aspetos também são visíveis fisicamente e ao nível da comunicação. A nossa postura corporal e as nossas expressões faciais revelam as nossas emoções aos outros. O conhecimento e o afeto permitem-nos compreender e avaliar esses comportamentos. E por isso são inseparáveis.

Norman identifica três níveis de processamento: visceral, comportamental e reflexivo.

O nível visceral é a resposta imediata: opiniões rápidas sobre se algo lhe agrada ou desagrada, se deve ficar em alerta ou se pode permanecer relaxado. Acontece nos primeiros momentos e nos primeiros contactos.

O nível comportamental é especialmente importante na aprendizagem e nas atividades de rotina, sendo onde os hábitos e as atividades nas quais nos especializamos se destacam. Este nível não é consciente, permitindo-nos realizar atividades ao mesmo tempo, como conversar ou ouvir música enquanto conduzimos ou quando um músico canta e toca um instrumento em simultâneo - são movimentos que já conhecemos tão bem que se tornam quase automáticos.

O nível reflexivo está intrinsecamente ligado à observação, a valores culturais, à vivência de cada um e às suas memórias.

Muitas das nossas preferências são adquiridas à nascença, no entanto o nosso cérebro vai respondendo a novas necessidades, criando bases para poder responder ao mundo. Somos conscientes do nosso papel no planeta e capazes de refletir sobre as nossas experiências passadas e sobre aquilo que queremos aprender no futuro.

O nível reflexivo consiste em respostas às convenções aprendidas na sociedade em que cada um vive. É pessoal e

pode revelar muito sobre a pessoa através das suas escolhas, sejam por exemplo a escolha de uma mala cara, de um casaco de peles, regimes alimentares como o vegetarianismo ou até mesmo a prática do movimento vegan.

2.6 _____ A emoção _____ e o objeto editorial _____

Quando a pessoa tem vontade de ler algo em específico, ela não precisa de ser estimulada pelo aspeto do livro, no entanto quando está em dúvida entre uma atividade como ver televisão ou ler um livro, se o aspeto do livro não for visualmente agradável talvez o individuo opte por outra atividade mais apelativa.

Dentro do mundo editorial, no caso do livro, o nível visceral é estimulado quando a pessoa olha para a sua capa. É esse primeiro momento que vai decidir se lhe agrada ou não e se o conteúdo parece interessante.

O visceral também envia sinais para o nível comportamental. O nível comportamental, durante a nossa interação com o livro pode estar representado no ato de folhear as páginas enquanto o lemos.

Como o nível comportamental não é percebido conscientemente pelo indivíduo, embora o tato influencie a sua perceção, muitas das vezes ele não repara que está a folhear porque o seu foco principal está na história. Nos livros para crianças, ao contrário do que se possa pensar, o tamanho dos caracteres não é maior que nos livros indicados para adultos por serem mais fáceis de decifrar. A fonte é, em muitos casos, maior porque faz com que exista menos texto em cada página, permitindo que folheiem as páginas mais depressa e dando a ilusão de que estão a “devorar” o livro, proporcionando mais entusiasmo aos jovens leitores.

O nível reflexivo adaptado ao mundo editorial pode manifestar-se quando refletimos sobre aquilo que lemos, mas não só. Ele está presente quando optamos por ler um livro porque todas as pessoas que conhecemos o estão a ler, ou porque fica

“Attractive things make people feel good, which in turn makes them think more creatively. How does that make something easier to use? Simple, by making it easier for people to find solutions to the problems they encounter”

- Donald Norman

bem na estante de casa e nos dá um estatuto, ou então quando escondemos aquilo que estamos a ler por vergonha ou por receio que julguem a nossa personalidade segundo aquele livro específico.

2.6.1 _____ “Thinking _____ out of the box” _____

Norman apresenta um estudo da psicóloga Alice Isen, que revela que ao sentirmo-nos felizes ampliamos a nossa capacidade de raciocínio e favorecemos o processo criativo.

No seu estudo descobriu que quando as pessoas são confrontadas com um problema difícil de resolver e que requeira pensar de forma criativa, concretizam essa tarefa com maior facilidade quando lhes é oferecido um presente, e mesmo que seja pequeno e simbólico fá-las sentirem-se muito melhor.

“When you feel good, Isen discovered, you are better at brainstorming, at examining multiple alternatives. And it doesn’t take much to make people feel good: all Isen had to do was ask people to watch a few minutes of a comedy film or receive a small bag of candy” (Norman).

Se uma pessoa se sente ansiosa, a sua forma de pensar torna-se mais limitada, concentrando-se apenas nos aspetos que estão diretamente relacionados com o problema.

Ao tentarmos fazer alguma coisa, se falharmos da primeira vez a resposta mais natural é tentar de novo só que desta vez com um esforço maior. Por vezes, repetimos e repetimos a ação em vez de olharmos à nossa volta e procurarmos por alternativas. Essa tendência é típica de alguém ansioso, e esse estado de negativismo apenas vai levá-lo a manter-se focado no erro em vez de encontrar soluções, deixando-o ainda mais tenso e ansioso.

Se uma pessoa num estado emocional otimista encontrar o mesmo problema, provavelmente irá olhar à sua volta e procurar pontos de vista alternativos que o levarão a encontrar uma solução para o problema.

2.6.2 _____ O processo criativo _____ do designer _____

O trabalho de um designer, seja ele um designer gráfico, de produto..., consiste na sua essência na resolução de um ou mais problemas, o seu desempenho requer sempre a capacidade de pensamento criativo, seguido de um período de foco e concentração.

Quando o designer inicia um projeto procura por inspiração e criatividade, é importante que se sinta relaxado e otimista, aberto a todas as possibilidades e colocando de parte as críticas e o pessimismo quando chega a hora do brainstorming. Muitas das vezes procura ambientes diferentes da sua rotina, ouve música, vê filmes... Qualquer atividade pode funcionar desde que o faça sentir-se bem e de mente aberta.

No momento em que a fase criativa está concluída, aí o designer precisa de se colocar no lugar oposto. As suas ideias têm de ganhar forma e tornarem-se reais: para esta fase a concentração é essencial. Surge a necessidade de encontrar problemas e focar-se em todos os pequenos detalhes. Torna-se fundamental criar deadlines, mesmo que estas não sejam reais, para sentir alguma pressão e sair da zona de conforto.

As emoções negativas também nos ajudam a cumprir algumas tarefas. É por isso que quando temos pouco tempo para realizar

um trabalho, a tensão e a ansiedade aumentam, fazendo crescer também a nossa capacidade de foco naquilo que tem de ser feito.

2.6.3 _____ O nosso comportamento ____ perante diferentes _____ objetos editoriais _____

Quando falamos no objeto livro, o seu design pode ter uma grande influência no tratamento que o seu leitor lhe dará.

Por exemplo, se o objeto for muito grande e pesado, com capa dura e um design muito cuidado é provável que seja guardado numa estante e que mesmo na hora da compra seja adquirido para esse efeito. Devido ao seu formato não será um livro prático para levar e ler na cama antes de dormir, é pesado para ter no colo durante muito tempo. Menos prático ainda será transportá-lo para outros lugares fora de casa.

Considerando agora um livro que continue a ter um aspeto muito cuidado e páginas agradáveis mas que por sua vez seja mais leve e manuseável, neste caso já será possível que tenha muito mais uso, ainda que com um certo zelo de forma a que se mantenha em bom estado.

Por outro lado, se um volume for mais barato, impresso num papel comum e de um tamanho menor, não haverá tanta preocupação - o leitor poderá até rabiscar algumas anotações nele. Muitas das vezes é um livro de bolso que levamos connosco para todo o lado, podendo portanto sofrer pequenos acidentes que o levam a ganhar algumas marcas de sujidade, vincos ou pequenas dobras.

Claro é, que apenas da nossa relação com o livro dependerá de muito mais que da sua aparência, no entanto a forma como se apresenta é elaborada tendo em conta o contexto em que se prevê que será utilizado. Entre outras, será por essa razão que com maior frequência encontramos livros caros e de grandes dimensões direcionados para temas específicos como arte ou história, enquanto os guias turísticos e pequenos romances por sua vez serão produzidos em objetos mais pequenos e leves.

2.7 _____

Tipos de objeto _____

editorial pessoal _____

Ao longo desta reflexão, de forma a não existirem exclusões, atribuo o nome de objeto editorial pessoal aos objetos editoriais que nos convidam a intervir (nos próprios), sendo possível interagir com o seu conteúdo ou mesmo criá-lo na sua totalidade.

Esses objetos fazem parte do nosso quotidiano e podem existir desde um diário a uma agenda, um bloco de notas, um diário gráfico, um caderno diário, entre outros nomes que cada um gostará de atribuir ao seu objeto. Todos os eles existem para nos ajudarem no nosso dia-a-dia, seja em contexto de trabalho ou na nossa vida pessoal.

2.7.1 _____

Agenda _____

Uma agenda é onde marcamos os eventos que ocorrerão nos dias que se avizinham, com quem nos vamos encontrar, assuntos a tratar, tudo num tempo específico.

Podemos usar a agenda de uma forma genérica, colocando apenas o nome do evento no respetivo dia ou utilizá-la de um modo detalhado preenchendo com informações específicas e completas. Este tipo de objeto é normalmente utilizado para planear o futuro, não numa forma romântica mas sim prática, mostrando-se como um calendário que nos dá espaço e liberdade para escrever as anotações que queremos consultar mais tarde indicando-nos um prazo. Podem responder a questões como quando, o quê, onde, quem, porquê, com quem... e podemos assinalar se essa ação foi concluída para que mesmo após algum tempo consigamos consultá-la e confirmar o que fizemos anteriormente, permitindo-nos assim manter o nosso tempo organizado.

"I kept always two books in my pocket, one to read, one to write in."

- Robert Louis Stevenson

2.7.2 _____

Caderno _____

Diário _____

Este caderno é um meio de documentar e anotar aquilo que aprendemos, aquilo que queremos vir a explorar e o porquê e como fizemos algo de determinada forma.

O caderno diário é habitualmente utilizado em contexto de sala de aula, onde permitem ao aluno concretizar exercícios, ajudam-no a desenvolver um relação com o professor, a construir uma base de conhecimento e a adquirir estratégias de raciocínio. Procura responder a questões específicas ou mais gerais de aprendizagem referentes a um trabalho ou a uma pesquisa como por exemplo: o que aprendi ontem? o que aprendi hoje em relação ao que já tinha estudado ontem? no que isto me pode ajudar e o que poderei aprender mais?

As principais actividades de aprendizagem ficam registadas no caderno e podemos assim conhecer a nossa progressão na instrução e conhecimento através do registo de diversos assuntos.

No caderno diário, o professor não é um examinador mas sim o co-escritor, é quem oferece ajuda e apoio nos seus apontamentos. Isto significa que a escrita, a aprendizagem e o pensamento, não são fatores isolados na verdadeira representação do caderno, mas sim de natureza interativa, que os torna tão eficazes.

2.7.3 _____

Diário _____

O diário é, de todos os objetos editoriais pessoais, o mais íntimo e privado.

Geralmente contém uma história e personagens, quase como um romance sobre a vida de quem o escreve. Constrói uma narrativa e essa história muitas das vezes fala de relacionamentos, ações tomadas, acontecimentos imprevistos e o planeamento de outros. Pode descrever um processo de mudança ou uma rotina, adicionando profundidade e amplitude ao dia.

É, quase sempre, um elemento precioso na vida de quem o utiliza, sendo uma forma silenciosa de manifestação de sentimentos e descrição de acontecimentos, podendo ser escrito de uma forma precisa e contendo o máximo de detalhes.

Apesar de este ser um objeto muito pessoal e até confidencial, o diário de determinada pessoa pode tornar-se uma base de investigação para peças como documentários ou romances e serem assim publicados, pelo próprio ou por outros.

2.7.4 _____

Bloco de notas _____

e diário gráfico _____

Um bloco de notas é uma coleção de notas. Todos os objetos onde escrevemos apontamentos, sejam sobre aquilo que for e em qualquer contexto.

Essencialmente pode ser utilizado para todas as funções que os objetos anteriormente descritos, e umas quantas mais, ele não tem uma característica definida nem um limite, apenas a liberdade que as páginas por preencher oferecem. As suas folhas podem ser pautadas, quadriculadas, em branco... no fundo pode ser qualquer tipo de papel, com qualquer formato, de qualquer cor, textura ou gramagem, desde que nos permita registar informação. Existe no entanto um paradigma que dita que o seu formato será transportável, seja ele do tipo clássico com um acabamento encadernado ou um simples conjunto de guardanapos que “nos veio à mão”.

O bloco de notas é um espaço aberto mas pode ter uma função previamente definida pelo utilizador, relativa a um tema como um trabalho ou tarefas do dia-a-dia. Ele não guarda apenas documentação e acontecimentos, o bloco de notas é um

processo de pensamento e reflexão e por norma está sempre à disposição para que possamos registar um apontamento quando mais precisamos, seja no preciso momento em que acontece algo ou no seguinte. Quando queremos relatar o que estamos a observar, o que está a acontecer à nossa volta e como acontece, o que estamos a sentir, como funciona, todo um conjunto de infinitas possibilidades descritas através da nossa perspetiva. O bloco de notas não guarda apenas dados, mas a nossa percepção e emoções que refletem a forma como olhamos para as coisas. Podemos esboçar pequenas anotações quando o tempo não é suficiente para desenvolver uma ideia, descrever algo inspirador que tenhamos observado, para que possamos mais tarde seleccionar a informação que nos dará conhecimento e originará novas ideias.

Não existe uma forma correta ou errada de utilizar o bloco de notas e da mesma forma não existe tal coisa como um bom e um mau bloco de notas. Eles variam consoante a necessidade, a forma de pensar, a forma de entender e trabalhar e de cada um, e é isso que o torna especial.

Quando o bloco de notas apresenta uma componente maioritariamente gráfica, pode adquirir o nome de *diário gráfico*.

O diário gráfico é um objeto muito importante, em especial na vida de um artista e/ou um criativo. Proporciona um espaço aberto ao processo criativo. Tal como o bloco de notas, documenta informação, pensamentos e ideias, mas desta vez também gravados através da imagem.

2.8 _____ Histórias do _____ objeto editorial _____

Se a história universal do livro compreende uma série de inovações realizadas por vários povos, com o intuito de deixar gravado conhecimento para outras gerações, então na história de cada ser individual, o objeto editorial pode ser, não só um livro que apresenta as ideias nele escritas, histórias e descobertas de um outro, como também pode estar a dar forma

a um bloco de notas que guarde as nossas próprias ideias, relatos e descobertas, sobre a vida que conhecemos.

2.8.1 _____ Breves notas sobre a _____ história universal do livro _

Antes de surgir o objeto livro como o conhecemos, uma das primeiras formas encontradas para gravar conhecimento terá sido a escrita em pedra ou em tábuas de argila. Estes métodos foram seguidos pelas folhas de papiro, no antigo Egito, que como processo de organização começaram a ser pregadas umas às outras originando a forma de um rolo. Nesse seguimento a escrita começou a tornar-se uma atividade importante e exclusivamente executada por uma classe de escribas responsáveis pela leitura e registo de textos oficiais e religiosos.

Pesquisas sugerem que as peças de papiro mais antigas encontradas terão sido concebidas há cerca de três mil anos antes de Cristo.

Foi por volta do século X a.C. que o pergaminho foi inventado, uma base de escrita feita a partir da pele de animais que trouxe consigo uma especial inovação na preservação de textos importantes, oferecendo mais qualidade e resistência que o papiro.

O rolo de pergaminho foi gradualmente substituído pelo códex (ou códice) que ganhou uma forma semelhante à dos livros de hoje, distinguindo-se pela facilidade de transporte e manuseio.

Apesar de Gutenberg ser o nome que mais associamos à história do livro, não foi ele que inventou a prensa - e esse foi de facto um avanço importante. A máquina impressora de tipos móveis já teria sido criada na China e talvez em outras partes do mundo. No entanto, o nome que todos reconhecemos não deixa de ter de grande importância, sabendo que Gutenberg introduziu o processo da impressão em série, fazendo com que surgissem novos livros e com uma grande rapidez. Criou tipos e procurou difundir as suas ideias, disponibilizando o livro a um maior número de pessoas, acabando por se tornar naquilo que é hoje e acessível a todos.

“UN LIBRO ES UNA SECUENCIA DE ESPACIOS.
CADA UNO DE ESOS ESPACIOS ES PERCIBIDO
EN UN MOMENTO DIFERENTE: UN LIBRO ES
TAMBIÉN UNA SECUENCIA DE MOMENTOS.”

- Ulises Carrión

2.8.2 _____
História pessoal _____
do objeto editorial _____

Não existirá uma idade concreta que se possa indicar como aquela em que alguém adquire o seu primeiro objeto editorial, mas o mais frequente é que esse contacto aconteça cedo na infância. De facto, não será preciso saber escrever, ler, ou sequer falar para termos a capacidade de interagir com um livro.

A maioria dos nossos sentidos podem fazer-nos comunicar com um livro, e mais facilmente quando se trata de um livro infantil que emita sons, utilize materiais e texturas estimulantes ao tato, tenha *pop-ups*, recortes ou desenhos para colorir.

Ainda assim, com todas as interatividades e funcionalidades, quando falamos de crianças, qualquer pormenor pode captar a sua atenção e tornar qualquer livro no seu número um.

No início do percurso escolar é quando começamos a ouvir o termo “caderno diário” e desempenhamos o papel de designer editorial pela primeira vez. É quando surge a necessidade de organizar no nosso caderno a informação que nos é dada, e mesmo que essa organização seja pouco cuidada, é um ponto de partida para a aprendizagem de alguns critérios importantes a estabelecer na disposição que escolhemos dar aos elementos que colocamos nas páginas em branco do caderno. Um exemplo é o “Sumário”, o resumo da lição, onde os seus componentes geralmente seguem um padrão de posicionamento. Neste caso concreto é habitual que o professor ensine um modelo de

enquadramento do resumo na página do caderno de determinada disciplina, com a devida identificação no número da lição e o dia em que decorre.

Dependendo da liberdade que lhe é permitida, o aluno poderá seguir o padrão aprendido ou ele próprio criar alguns ajustes que podem levar a um novo sistema personalizado. Em todo o caso esta será sempre uma nova ferramenta de paginação.

Na continuação do nosso percurso, o objeto editorial pessoal deixa de ser apenas uma ferramenta de trabalho ou até mesmo uma obrigação, tornando-se num objeto necessário do dia-a-dia que pode eventualmente ganhar um significado, estabelecendo-se o já mencionado apego emocional entre o utilizador e o objeto.

2.9 _____ O bloco _____ de notas _____

Este é o momento em que apresento de uma forma particular o bloco de notas proporcionando-lhe algum destaque, ou não teria sido ele o objeto de inspiração para esta reflexão.

Como referenciados anteriormente, existe um amplo número de objetos editoriais que nos podem acompanhar e entre os quais podemos optar na consequência de uma preferência ou necessidade. No entanto, quando falamos em todos esses objetos, a versatilidade da designação “bloco de notas” resume as características de todos eles num só.

Apesar de este ser frequentemente visto como um caderno pequeno e transportável, a verdade é que não existe um formato padrão para o bloco de notas, isto porque o seu requisito essencial é dar resposta à necessidade do seu utilizador e portanto não sendo obrigado a corresponder a um modelo, seja ele relativo ao tipo de papel, formato, cores, capa ou inexistência da mesma. O importante é que seja adaptável ao uso, ou vários usos, que alguém lhe pretenda dar.

Associando a interação que estabelecemos com o bloco de notas ao trabalho que o designer editorial desenvolve, é fácil concluir que esta será a ligação mais próxima e direta que qualquer pessoa, independentemente dos seus interesses ou área de estudo, pode estabe-

"MAKE UP YOUR OWN RULES. INCLUDE WHATEVER YOU WANT. COLLECT, COLLATE, COLLAGE. WRITE, DRAW, PHOTOGRAPH, PRINT. PLAN, ADD. OFFLOAD, DOWNLOAD."

- Felicity Allen

lecer com aquilo que é o design e a paginação - e não só. Enquanto interagimos com o bloco de notas somos designers do nosso objeto, gestores do nosso tempo, psicólogos da nossa mente, escritores da nossa história e artistas em ascensão.

O livro tem um formato fixo que permite ao autor contar a sua história e controlar os acontecimentos, guiando o leitor pelo caminho que ele escreveu, com uma sequência cuidadosamente pensada que manipula os pensamentos e as emoções do leitor até ao clímax e à resolução. É por isso fácil entregarmo-nos voluntariamente a uma experiência deste tipo, seja pelo prazer como pela aprendizagem de diversos assuntos sobre a vida, a sociedade e a humanidade.

Num bloco de notas, nós somos o participante ativo, a personagem principal - o bloco de notas conta a nossa história, independentemente do enredo ou do entusiasmo que transmita. De tempo a tempo vai gravando experiências - tédio, frustração, excitação, revigoro, inspiração, concretização, entre outros. As lições que aprendemos resultam de uma experiência pessoal que depende da sequência dos eventos da nossa vida, nos quais podemos ser bem-sucedidos ou não.

Ao contrário de um livro que tem um início e um fim, o bloco de notas não têm uma introdução nem uma conclusão, a não ser que o lhe desejemos atribuir.

Aquilo que escrevemos não tem de ser um assunto íntimo ou real, no entanto, será sempre um objeto pessoal.

2.9.1 _____ Objeto pessoal _____ e de livre expressão _____

O nosso bloco de notas é apenas nosso, reflete aquilo que somos, representa o que vemos e aquilo que pensamos. Pode até ajudar-nos a descobrir temas que desconhecíamos mas que passeavam pela nossa cabeça.

Por vezes pode surgir a necessidade de o expor, seja no sentido de partilha ou mesmo em busca de uma ajuda ou motivação, mas nunca deixamos de preencher por nós próprios uma vez que representa liberdade.

O fator liberdade é muito importante quando falamos em blocos de notas, porque nos permite divagar pelas ideias sem que algo nos prenda ou sem que haja alguém para nos julgar.

Quando uma ideia começa a fluir é importante que não nos privemos de registar exatamente aquilo que queremos, pelo contrário, devemos deixar que a nossa mente divague livremente sem qualquer complexo ou medo de errar, porque depois de guardado, aquilo que à primeira vista pode parecer um erro ou algo absurdo, talvez tenha requisitos capazes de dar asas a algo maior e/ou melhor que não existiria sem essa primeira abordagem.

As melhores ideias surgem quando deixamos a nossa mente livre, e assim também as piores ideias. Mas não há problema, porque um bloco de notas não é um documento final ou uma exposição pública. Não se espera que seja um objeto de aparência perfeita e estamos autorizados a riscar e voltar a escrever, porque se queremos um bloco de notas com um aspeto limpo ou completamente rabiscado, é uma escolha exclusivamente nossa. O bloco de notas perfeito é aquele que representa o que acontece na nossa mente.

No livro “Your Sketchbook Your Self”, Felicity Allen enumera dez das razões pelas quais devemos utilizar um bloco de notas.

“10 razões por que deves escrever num bloco de notas”

por Felicity Allen

1. Para descarregares pensamentos que continuam a interromper a tua concentração - listas de compras, lista de tarefas, mensagens por enviar, etc.

2. Para te lembrar daquilo que não te podes esquecer - detalhes de contactos, marcações, etc. - para que assim não as tenhas de guardar na tua cabeça.

3. O teu diário, ou coisas sobre a tua vida acerca das quais queres escrever. Por vezes sentimos que precisamos de libertar o peito de algo para que nos consigamos concentrar no trabalho que estamos a fazer.

4. Escrever uma linha de ideias - por vezes desenhando, outras escrevendo.

5. Notas que ajudem com assuntos técnicos e o processo de criação.

6. Escrever os pensamentos sobre um trabalho de arte ou ideias para o seu título enquanto o fazemos: isto ajuda-nos a desenvolver o trabalho.

7. Para referirmos outros assuntos que estamos a estudar (por exemplo, a obra de arte - no sentido mais amplo - como um filme, uma peça, um evento histórico ou um elemento científico).

Ou pode ser algo completamente diferente sobre o qual damos por nós a penas. Podemos não ver a ligação com o trabalho no início, mas provavelmente vamos encontrá-la assim que escrevemos. Pode ser um filme, um programa de televisão, uma peça de mobiliário ou um edifício - qualquer coisa.

8. Ideias para um projeto que queremos fazer no futuro - ideias geradas através do trabalho que fazemos na atualidade.

9. Escrever citações de outras pessoas com as quais encontramos ligações pessoais - podem ser frases curtas ou passagens mais longas.

10. Para rotular ou acelerar o processo de anotar no bloco de notas - por exemplo, escrevendo as cores se tivermos apenas um lápis connosco.

2.9.2 _____

O bloco de notas _____

e as artes _____

Quando falamos em arte, é muito frequente que o artista ou aspirante a, tenha um bloco de notas.

No caso das artes visuais muitos lhe dão o nome de “diário gráfico” porque o seu conteúdo é na sua maioria gráfico. Em muitas escolas de artes ou design, ele é uma ferramenta quase obrigatória, inicialmente olhada como um dever mas que rapidamente se torna numa necessidade e num objeto indispensável.

Geralmente os artistas preferem guardar os seus diários gráficos para eles próprios, ou pelo menos até estes estarem terminados. O facto de ser algo privado proporciona-lhes confiança e liberdade para experiências sem que sejam avaliados ou julgados, é por isso que apesar de registarem inúmeros projetos através de esboços e anotações, muitos deles são unicamente íntimos e nunca chegam ao público.

Hoje em dia alguns artistas já optam por expor os seus blocos de notas e até os utilizam como suporte principal para os seus trabalhos.

Podemos observá-lo no trabalho de Cláudia Peralta, licenciada em Artes Plástica, estudante e artista que respira arte. No seu trabalho defende que o caderno é a única forma honesta de mostrar aquilo que faz.

“O Desenho desde cedo que veio para mim como uma procura de uma identidade, uma necessidade básica e um caminho de expressar algo, foi ao longo do tempo adquirido características próprias, e quase sempre surge materialmente num caderno, existe importância neste formato, trata -se de um Diário, vários por assim dizer. Há uma continuidade e ligação entre o desenho através das páginas deste mesmo, um passado, presente e um eminente futuro, ao virar da página, esta é uma das características mais apelativas de desenhar num diário, para além da sua particularidade de ser bastante acessível, não se limita a um espaço, está sempre ao meu alcance. Através destes diários procuro registar, “agarrar” e documentar o dia -a – dia que me rodeia, pessoas, sítios, momentos fu-

gazes, “pensamentos Visuais”. Há uma necessidade quase primitiva e muito impulsiva de assimilar emocionalmente a minha relação com o espaço e os outros. Isto leva a uma miscelânea de temáticas e linguagens, de um desenho bruto e vândalo dele próprio a um traço mais controlado e por vezes em busca de um realismo. Da sobreposição de traçado, a Cor, Escrita, colagem, ao rasgar, arrancar, adicionar, é a base do todo o meu trabalho em Desenho”.

(Cláudia Peralta)

#

Figura 23
Página de um
dos vários diá-
rios gráficos da
Cláudia Peralta.



Contudo, os blocos de notas não são um objeto exclusivo da atualidade. Grandes personalidades da nossa história usavam o bloco de notas da mesma forma que o fazemos hoje.

Podemos considerar como exemplo um dos mais importantes renascentistas, o italiano Leonardo da Vinci, uma personalidade de tal versatilidade, relevância e fama que decerto dispensará apresentações. Também ele tinha blocos de notas, onde as suas anotações tanto podiam ser constituídas por estudos de observações científicas detalhadas, como por desenhos inteiramente oriundos da sua imaginação. Ele desenvolveu o seu próprio código de escrita espelhada, de forma a que apenas ele próprio fosse capaz de ler aquilo que

escrevia, e apesar de o seu trabalho ter mais de quinhentos anos de existência, podia ser algo realizado nos dias de hoje.

#

Figura 24
"Flight of birds".
Bloco de notas de
Leonardo da Vinci



O nível de intimidade que o bloco de notas retém guarda a profundidade do seu autor, e podermos observá-lo não só nos dá a oportunidade de o conhecer como de ter perceção do que está por detrás do seu trabalho.

Claude Monet é conhecido como um dos principais impressionistas da história da arte, mas ajudou também a abrir caminho para os artistas expressionistas abstratos do século XX.

Se observamos o seu bloco de notas podemos verificar que é de uma característica exclusivamente gráfica e compreender o seu traço e a forma como representa as paisagens, neste caso com concreto as rochas e o mar.

#

Figura 25
Página do Diário
Gráfico de
Claude Monet



2.9.3 _____ Treino _____ de persistência _____

Persistência, dedicação e perseverança. Nenhum de nós nasceu com estas características, são algo que aprendemos ao longo de várias tentativas realizadas de forma repetida.

Temos de treinar a nossa própria força de vontade para que consigamos continuar um projeto, mesmo quando nos sentimos aborrecidos ou sem motivação. Quantas vezes pensaram: — “Eu não consigo. Desisto.”? Quando algo se torna de tal forma complicado tendemos a deixar de acreditar nas nossas capacidades e a desistir, dizendo ser impossível.

Assim que nos obrigamos a continuar, trabalhar e insistir uma primeira vez, quebramos uma barreira pessoal que tínhamos criado na nossa mente e ganhamos confiança e estímulo para continuar a tentar cada vez com mais dedicação. Assim que o tenhamos experienciado uma vez, torna-se mais fácil acreditar e direccionar mais energia para aquele que é o nosso objetivo. Cada vez que o fazemos estamos a melhorar o controlo sob a nossa força de vontade, tornando-nos capazes de concretizar o que quer que seja - ou quase.

O computador, o telemóvel ou a televisão são exemplos das maiores distrações que nos podem atingir - se deixarmos - enquanto fazemos um trabalho. Se lhes respondermos, estamos a falhar no nosso percurso de concentração, comprometendo aquilo que estamos a fazer. Como são objetos interativos, capazes de prender a nossa atenção através de diversos conteúdos que surgem ao mesmo tempo e a grande velocidade e dinamismo, acabam por nos fazer sentir aborrecidos quando retomamos a concentração no que estávamos a fazer.

O bloco de notas surge como um método eficiente que não só não nos distrai, como nos proporciona espaço, tempo e foco, porque mesmo quando rabiscamos alguma coisa, estamos a desenvolver a nossa concentração.

2.9.4 _____

Multifuncionalidade _____

do bloco de notas _____

Um bloco de notas deve ser criado ou ajustado consoante o uso que lhe planeamos dar. Qualquer que seja a sua limitação, essa deve ser ultrapassada para que ele possa corresponder ao objeto que precisamos.

A curiosidade não gosta de regras, ou pelo menos, assume que todas as regras são provisórias. A curiosidade é também a maior fonte de criatividade - quanto mais conhecemos, mais queremos conhecer; quantas mais ligações estabelecemos entre pedaços de conhecimento: mais ideias vamos ter.

Quando falamos de mentes curiosas podemos pensar em nomes como Galileu Galilei, Charles Darwin ou Steve Jobs pois também eles tiveram de questionar uma definição ou até quebrar alguma para cumprirem os seus objetivos e ambições.

Não devem existir limitações. É permitido cortar buracos no papel para que consigamos ver através de várias páginas, criar texturas com diversos materiais como areia ou tecido, juntar desenho com escrita e recortes, arrancar páginas e anexar outras. Se necessário, podemos até arrancar alguma das páginas, seja para deixar um bilhete a alguém ou porque simplesmente não nos agrada e não a queremos mais a sua presença no nosso bloco.

Para guardar aquilo que não conseguimos colocar numa página, podemos usar, por exemplo, um envelope colado na parte interior ou exterior do bloco de notas - podendo assim guardar documentos, pequenos objetos, etc. Essencialmente tudo aquilo que pretendamos armazenar, pois aqui a palavra-chave é liberdade.

Desde a sua aquisição que podemos atribuir um objetivo a determinado bloco de notas, como um tema em particular ou algum tipo de abordagem.

Pode ser um bloco de notas que queremos usar unicamente em contexto de trabalho ou um que escolhemos exclusivamente para desenhar. É possível preservá-lo para esse efeito, no entanto, é muito provável que eventualmente acabemos por acrescentar algo

mais, como uma lista de compras na última página, um número de telefone ou um lembrete.

Não é apenas para avivar a memória que o ato de anotar informações, lembretes ou pensamentos tem um papel fundamental no nosso dia-a-dia. Por vezes no decorrer de um projeto ou atividade temos dificuldade em focar naquilo que estamos a fazer porque algum tipo de pensamento inconveniente está a absorver a nossa concentração. O mesmo se aplica quando depois de um longo dia, chega finalmente a hora de descansar e não somos capazes de nos libertarmos de determinado pensamento, não conseguindo assim adormecer.

Nestas situações o bloco de notas pode ser uma grande ajuda. Se escrevermos aquilo em que estamos a pensar, o assunto fica de alguma forma arrumado, deixando a nossa mente livre para nos concentrarmos naquilo que realmente queremos fazer.

2.9.5 _____

Alternativas _____

ao bloco de notas _____

Quando falamos de blocos de notas referimo-nos a um conjunto de folhas unidas que formam um objeto. No entanto, por várias razões, ele pode nem sempre estar connosco. Mesmo quando isso acontece podemos improvisar, rabiscando naquilo que tenhamos à mão — e, possivelmente, mais tarde anexar ou reescrever no nosso bloco de notas.

Existem uma série de suportes onde são tipicamente colocadas algumas notas temporárias - um guardanapo, um recibo ou a nossa própria mão — porque são práticos e imediatos.

No desenvolvimento deste projeto foi importante comunicar com as pessoas e conhecer alguns dos seus métodos.

O bloco de notas de uma pessoa pode dizer-nos muito sobre ela e não existe um igual ao outro.

Quando não existe um bloco de notas ou este não está presente, a necessidade de tomar nota de algo não deixa de acontecer e as pessoas têm de procurar alternativas.

É na sequência da observação e experiência dessa necessidade que partilho três (breves) histórias diferentes de buscas por alternativas ao bloco de notas.

1. Passar a limpo

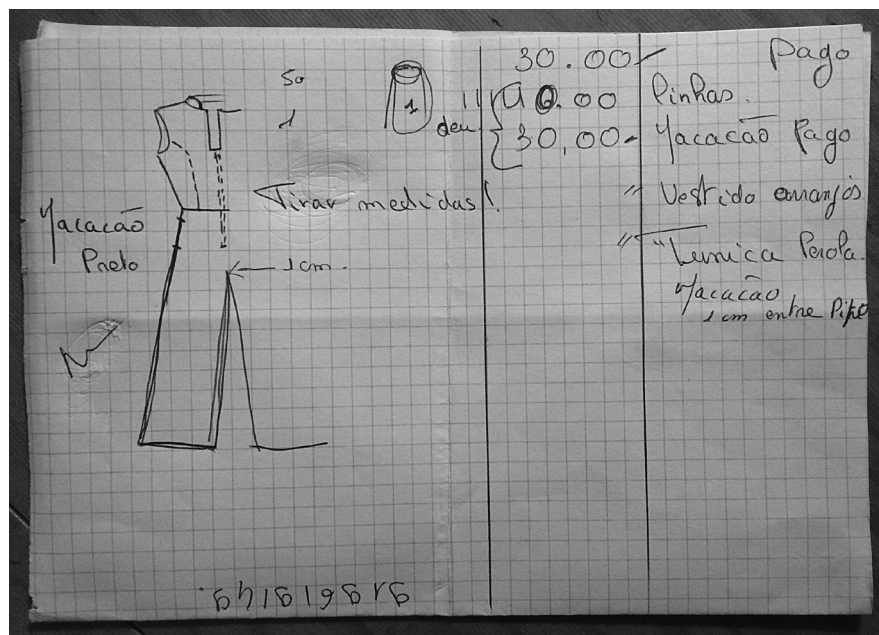
Era sábado à noite, e no bar que costumo de frequentar encontrei uma senhora sentada sozinha numa mesa, a escrever numa folha de papel dobrada em quatro partes. Perguntei se estava a desenhar, porque tinha o esboço de um vestido no canto. Ela respondeu de volta, dizendo estar à espera de umas amigas e que enquanto isso aproveitava para passar as notas que tinha guardado no telemóvel para o papel, visto não confiar nas tecnologias.

Perguntei se podia tirar uma foto, e num tom tímido retorquiu que sim, mas que aquele não era um papel apresentável pois apenas escrevia ali para depois passar a limpo no seu bloco de notas.

Eu respondi que serviria para o que eu pretendia, ela falou-me sobre o que escrevera e de como gostava dos seus dois trabalhos: costureira/estilista e esteticista - cresceu em França e chama-se Nathalie.

#

Figura 26
Notas da Nathalie



2. Rubricas e Burros

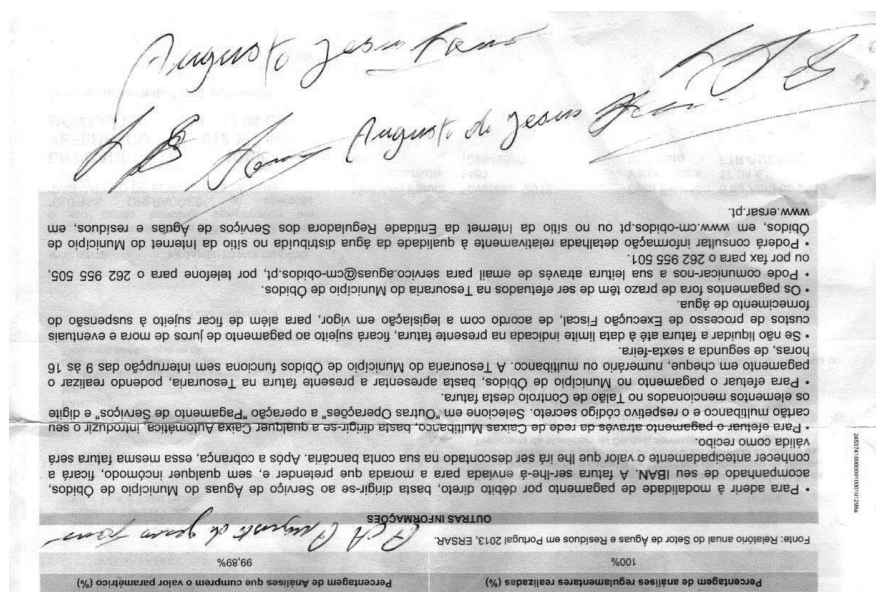
Uma das razões que me agarrou a estudar o bloco de notas foi a diversidade. À conversa com uma amiga de longa data, a Ana Vieira da Silva, falava-lhe sobre o meu tema. Ela contou-me que o seu avô Augusto não tem um bloco de notas, mas que rabisca em todo o lado, especialmente a sua rubrica:

— “Ele escreve as suas rubricas mesmo em tudo.”

Pedi-lhe que me mostrasse alguns exemplos.

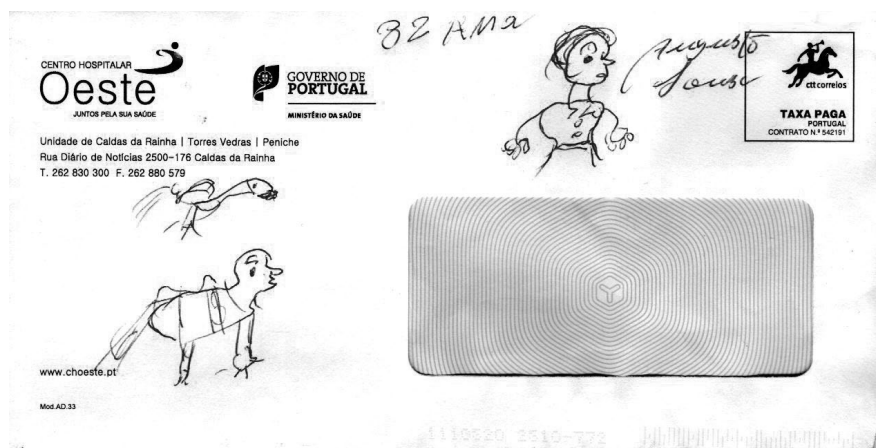
#

Figura 27
Notas do Avô
Augusto - fatura
da água



#

Figura 28
Notas do Avô
Augusto - carta



— “A primeira é uma fatura da água. O meu avô é um artista, ele começa a desenhar uma pessoa e termina num cão, e pelo meio passa num alien. Mas o que ele mais gosta é de fazer burros, presos à árvore, a fazer um cocó.”

3. O Guardanapo

Perguntei à minha colega de mestrado, Sylvie Lopes, qual era a história que em tempos tinha relatado sobre notas num guardanapo. Ela contou:

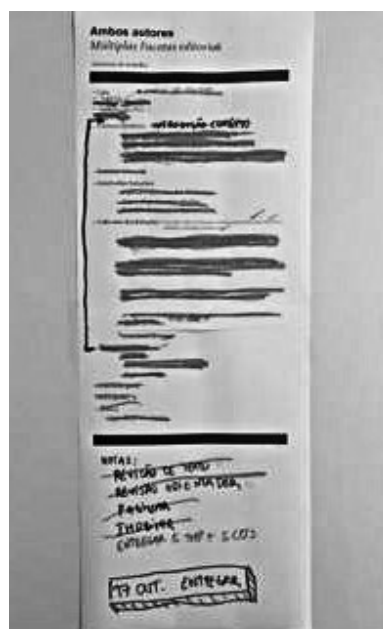
— “Tenho uma necessidade de apontar o que tenho para fazer para ir riscando. Durante uma certa altura tinha por hábito trabalhar no café e ia apontando nos guardanapos do café e pondo na mala. Aquilo foi acumulando com o passar do tempo. Lembrei-me de levar a mala à discoteca. O segurança só encontrava guardanapos e todas as pessoas à volta olhavam.”

Perguntei se agora já se rendeu ao Bloco de Notas.

— “Uso e vários, não consigo ter só um. E uso muito listas. E agenda em papel. Não consigo ter essas coisas eletrónicas.”

#

Figura 29
Lista de notas
da Sylvie para o
seu relatório de
estágio



Nos exemplos que conheci e analisei ao longo deste estudo, existem de facto pessoas que se renderam às notas digitais, no entanto, o papel continua a ser o suporte preferido pela maioria.

"WHEN YOU LOOK IN THE MIRROR
YOU SEE A PICTURE OF YOU AS
YOU ARE NOW. WHEN YOU LOOK IN
YOUR SKETCHBOOK YOU SEE A PIC-
TURE OF YOU, WHERE YOU'VE BEEN
AND WHERE YOU'RE GOING."

- Felicity Allen

CONCLUSÃO

Falar sobre blocos de notas surgiu como uma resposta à necessidade de encontrar um objeto editorial que fosse capaz de relacionar as pessoas com o design editorial e simultaneamente com elas próprias.

A busca por inspiração é uma constante, seja para própria vida ou para um projeto que estejamos a concretizar, na área do design ou de qualquer outra disciplina ou interesse.

Nesta pesquisa, percebi imediatamente que seria impossível interpretar a nossa relação com o bloco de notas sem antes entender o apego emocional que podemos estabelecer com um objeto - e a forma como o fazemos.

Falar sobre o aspeto das coisas foi fundamental para entender esse apego e compreender novas formas de ir ao encontro de ideias e de alcançar objetivos.

Durante o meu trajeto, fui sempre encontrando pontos demasiado fortes na estética para conseguir considerá-la fútil ou dispensável, conseguir de alguma forma mostrar que a funcionalidade não trabalha sozinha foi uma enorme concretização.

As pessoas abraçam aquilo que criam com energia e paixão.

Quando se sentem visualmente agradadas por um objeto, tornam-se mais felizes e conseqüentemente mais criativas. No momento em que observam algo bonito, esse objeto tem o poder de as motivar de uma forma positiva para ações futuras, mesmo que essas não tenham qualquer relação com o objeto observado.

A principal função do designer é procurar soluções, mas é importante que qualquer pessoa o faça no seu dia-a-dia, tornando-se no designer da sua própria rotina. O objeto editorial, além de nos ligar ao design, ajuda-nos a guardar e a gerir ideias - bem como o oposto - liberta-nos das ideias que apontamos no papel, para que não

fiquem guardadas na nossa memória, dando assim espaço àquilo em que nos queremos focar num momento específico.

Como objeto pessoal, o bloco de notas proporciona-nos a liberdade de anotar seja aquilo que for, sem que sejamos julgados. Ele ajuda-nos a treinar a persistência, a confiança e a concentração.

Podemos olhar para trás e ter a consciência de que não tomámos as decisões certas e de que cometemos erros. Pensar que não fizemos o melhor que podíamos. Mas é possível praticar formas de deixar o medo de lado. O bloco de notas é nosso confidente, e portanto permite-nos expor pensamentos sem limites, para que mais tarde possamos decidir o que é mais correto e pô-lo em prática com convicção.

Nem sempre encontramos em nós próprios alguma das características que nos mostrem que somos capazes, no entanto, quando encontramos inspiração somos capazes de quebrar qualquer barreira.

O bloco de notas é verdadeiramente interativo - gera pensamento, ação, observação, reflexão e desenvolvimento.

Fazer este trabalho não só me permitiu confirmar alguns dos pensamentos e reflexões que sempre gostei de explorar, como me ofereceu respostas úteis e práticas

Tratando-se de uma investigação teórica que deixa espaço a questões e opiniões, as conclusões, mesmo que fundamentadas, podem deixar interrogações. Se essas dúvidas existem e foi gerada curiosidade, é porque a busca por novos interesses começou e este é apenas o ponto de partida para um desenvolvimento mais profundo.

Obter algumas respostas era uma necessidade, proporcionar uma busca inspiração tornou-se obrigatório. Se alguém sentir um estímulo ao ler estas ideias, o propósito está cumprido.

Para terminar, reforço que não temos de ser designers para podermos encontrar soluções para o nosso dia-a-dia. E transmitir inspiração pode ser um resultado absolutamente válido do trabalho do designer gráfico, sendo ele capaz de interferir de forma positiva no dia, e quem sabe, na vida de qualquer pessoa.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, Felicity - *Your Sketchbook Your Self*, London: Tate Publishing (Tate Enterprises Ltd), 2011
- ANDRIOLI, Larissa - *Stuff we love: Afeto, Presença e Materialidade no Design de Livros*, 2014
- BARTRAM, Angela; EL-BIZRI, Nader e GITTENS, Douglas - *Recto verso : Redefining The Sketchbook*, 2014
- BLACKLEY, Lachlan e Magma - *Magma Sketchbook. Design & Art Direction*. London: Laurence King, 2015
- BRERETON, Richard - *Sketchbooks. The Hidden Art Of Designers, Illustrators & Creatives*, 2012
- CHATFIELD, Tom - *Live This Book*. UK: Penguin Books, 2105
- MOORE, Alan - *Do Design. Why Beauty Is Key To Everything*. The Do Books Company, 2016
- NORMAN, Donald - *Emotional Design: Why We Love (or Hate) Everyday Things*, USA: Basic Books, 2005
- URSELL, Martin - *Keeping Sketchbooks*, London: Laurence King, 2016





Instituto Politécnico de Tomar

www.ipt.pt